

L . E . T . D F . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural
1996

Teatro exige Dulcina Viva

■ **Paracatu e os
caminhos para
os Goyazes**



História do Entorno

Brasília, fruto do espírito desenvolvimentista do povo brasileiro nos anos 50/60, tem a sua história por demais conhecida aqui e em várias partes do mundo. O título concedido pela Unesco a Brasília, de Patrimônio Cultural da Humanidade, representa o reconhecimento da tenacidade e força de vontade de nossa gente.

Para valorizarmos essa epopéia é preciso que tenhamos conhecimento dos vários anos de história que nos rodeiam. Isto é, a história das cidades que formam o chamado Entorno de Brasília. Algumas são cidades centenárias, tais como Luziânia, Formosa e Paracatu, que tiveram participação marcante nos processos de colonização do Centro-Oeste e na consolidação da interiorização da nova capital.

O DF-LETRAS criou uma seção especial: A História do Entorno, com o objetivo de contar às novas gerações como foi a colonização do Planalto Central. Para isso, contamos com a colaboração preciosíssima de historiadores e pesquisadores das histórias da região dos cerrados, tais como Paulo Bertran, Oliveira Mello, José Dilermando Meireles, Antônio Pimentel, entre outros tantos abnegados. Neste número, publicamos uma matéria sobre Paracatu, que tanto colaborou para a integração do Distrito Federal ao Centro-Oeste.

A matéria especial de capa retrata a situação de crise por que passa a Fundação Brasileira de Teatro e as tentativas de salvar o teatro Dulcina e a Faculdade de Artes de Brasília.

Nelson Pantoja
Coordenador

Chico Nóbrega
Editor

Expediente

DF-Letras, Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Vice-Presidência

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica:

Nelson Pantoja

Editor DF-Letras:

Chico Nóbrega

Projeto Gráfico:

Claudio Gardin

Programação Visual:

Marcos Lisboa

Capa:

Ana Caçador

(Desenho em bico de pena a partir de fotos dos anos 40 de Dulcina de Moraes e de Odilon Azevedo encenando uma comédia de costumes)

Fotografia:

Silvio Abdon

Carlos Gandra

Revisão:

Vania Maria Codeço Velloso

Anamaria Silva Pinheiro

Ilustradores:

Ana Caçador, Margarette de Cássia, Claudio Gardin e Marcelo Perrone

Chefe da Seção de Editoração:

Gilmar Martins Borges

Equipe:

Antonio Eufrauzino, Apolo Guandalini, Cláudio de Deus, Francisco Dino, Hélio Araújo, Antônio de Brito, José C. de Sousa, Nelci Stein e Sérgio Cáceres

Chefe da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim, Adeilton Godoy, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Denilson Caldas, Edson de Lima, Glacy Barrozo, Gonçalo Magalhães, Jonatas Martins, José Gomes, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Oscar Monterrojas, Reinaldo Andrade, Rogério Muniz, Vicente Lima e Wilton Pimentel

Tiragem:

5 mil exemplares

Esta edição compreende os meses de janeiro e fevereiro, números 23 e 24 respectivamente.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

Redação:

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8316

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 348-8000

NESTA EDIÇÃO

Editorial	2
Viva Dulcina!!!	3
Paracatu do Príncipe	7
Literatura e Vasectomia Cerebral	16
Recordações de um Bruxo	17
Dom Machado	19
Platão, a Poesia e os Poetas	25
Crônica de um Dia Triste	27
Outras Palavras	28
Cartas	29
Poesias	30



Nos anos 40 e no início dos anos 50, a televisão ainda era tida como uma engenhoca de laboratório. De muito futuro, mas ainda não expressava o fenômeno de massa dos nossos dias. Com a ajuda da “telinha” o sucesso e a celebridade das pessoas acontecem em um piscar de olhos. Hoje, todos nós temos o direito aos nossos 15 minutos de glória proporcionados pelos meios de comunicação de massa.

O sucesso é mais uma conjugação de interesses momentâneos do “mercado” com a disponibilidade do “público” para determinada “novidade”. Talento? Nem sempre é necessário.

Com a espantosa rapidez na troca de ídolos em nossos dias e a banalização do mundo causada pelos veículos de comunicação de massa, onde a televisão tem destaque neste altar tecnológico, querer falar de uma pessoa que brilhou nestes últimos 60 anos na história do teatro brasileiro é pedir ou exigir demais num país sem memória como o nosso. Mas o DF-LETRAS irá correr o risco. Vamos resgatar nestas páginas a atriz e figura humana extraordinária que foi e é Dulcina de Moraes,

Silvio Abdon



“a maior atriz do teatro brasileiro”, no dizer de Fernanda Montenegro, outra grande dama dos nossos palcos. Idealizadora e criadora da Fundação Brasileira de Teatro, Dulcina de Moraes, hoje com 88 anos, vive doente, sob cuidados médicos proporcionados pela Fundação e pelos muitos amigos que fez ao longo de sua existência.

Mesmo no leito, ela, por intermédio dos amigos, luta para que a chama do seu ideal de artista e educadora, inclusive com emprego de seus próprios recursos financeiros, permaneça viva: sua obra maior, a Fundação Brasileira de Teatro. Os sucessivos planos e crises econômicas enfrentados pelo país têm ameaçado essa obra gigantesca de Dulcina.

A Fundação sentiu o golpe. A crescente inadimplência dos alunos com a Faculdade de Artes acarretou o desequilíbrio de suas contas e a redução dos cursos oferecidos, prejudicando, também, a qualidade do ensino. Como consequência, a própria procura pela Faculdade diminuiu e a FBT, mantenedora da Faculdade, do teatro Dulcina e do miniteatro Conchita, não tem conseguido arcar com os prejuízos. A Fundação Brasileira de Teatro pede socorro! A cultura brasileira e a memória nacional exigem a sua imediata defesa.

Viva Dulcina!!!

"Meu Deus! É longa a arte, e nossa vida é curta"
(Goethe)

Fotos: Silvio Abdon



B. de Paiva defende a criação urgente do Museu Dulcina de Moraes para preservar as roupas e objetos de cena usados pela grande dama do nosso teatro.

A grande dama do palco

A Fundação Brasileira de Teatro completará em julho próximo 41 anos de criação, a partir dos ideais de Dulcina de Moraes e da ajuda de seu marido, Odilon Azevedo, ator, diretor e escritor. Em 1955, Dulcina fundou na Cinelândia, Rio de Janeiro, no antigo teatro Regina (hoje "Dulcina", do IBAC/MinC), uma escola de teatro por onde passaram, naquela época, centenas de futuros diretores, atores e teatrólogos.

Grandes nomes do teatro brasileiro dos últimos tempos também passaram pela escola de Dulcina, como professores ou alunos. Citando apenas alguns atores, podemos lembrar Rubens Corrêa, João das Neves, Irene Ravache, Jaqueline Laurence, Yan Michalski e aquilatar a importância da FBT para o teatro do Brasil. Professores renomados internacionalmente, como o mestre Ziembinski e outros ilustres personagens do nosso teatro, tais como Gianni Ratto, Adolfo Celi, Cecília Meirelles, Joracy Camargo, José Paulo Moreira Fonseca, Junito Brandão, Raimundo Magalhães Júnior, Cacilda Becker, Lilian Nunes, Henriette Morineau, Odilon Azevedo e a própria Dulcina de Moraes também ali estiveram. Esses nomes são a verdadeira história do teatro moderno brasileiro. Só por isso a FBT já justificou a sua existência.

Com a transferência da capital para Brasília, Dulcina de Moraes mobilizou os amigos e os atores para trazer a Fundação Brasileira de Teatro para o Distrito Federal. Nos anos 70, Dulcina veio para o Planalto Central e reinventou a FBT. Ergueu o prédio, um projeto de Oscar Niemeyer, criou a Faculdade de Artes e os teatros Dulcina e Conchita.

A Fundação funciona hoje no chamado coração de Brasília, no edifício Conic, no Setor de Diversões Sul, ao lado de restaurantes, livrarias, cafés e boates. É um ponto de encontro para intelectuais, artistas, músicos, que aproveitam o "burburinho cultural" e a "vida boêmia" para apresentar trabalhos e performances. O Dulcina é uma marca registrada de Brasília. Um dos poucos teatros disponíveis fora do circuito oficial, ele sempre esteve ligado à "resistência" cultural da cidade.

A FBT já formou quase 2 mil alunos, entre bacharéis e licenciados. É a única escola de ensino superior com oito cursos autorizados e reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação. Hoje, a Fundação é dirigida por José Maria Bezerra de Paiva, ou simplesmente B. de Paiva, diretor, ator, professor e uma das maiores expressões da vida cultural de Brasília e do país.

A Fundação Brasileira de Teatro tem sido um marco desde seu início. Dulcina de Moraes inventou o "teatro do mundo" no Brasil. Antes do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), Dulcina já praticava a experiência de revisão do chamado palco tradicional, encenando Lorca, Girardoux, O'Neill, Coward e Shaw. Foi a FBT que lançou o escritor e teatrólogo Ariano Suassuna, com "O Auto da Compadecida", mostrado pela primeira vez no Brasil num festival de teatro, do qual Dulcina também foi pioneira no país.

Dulcina fez os primeiros seminários para a Organização do Ensino Teatral e da Educação Artística no Brasil. O parecer que definiu os currículos do Ensino Superior das Artes Cênicas da FBT e da UniRio foi obra da atriz Dulcina de Moraes. A grande dama do nosso teatro "inventou" o descanso das segundas-feiras para os operários do teatro e acabou com o "ponto" nas apresentações, juntamente com Paschoal Carlos Magno, no Teatro do Estudante. Ela criou uma forma de representação, com o mais precioso e preciso "timing" da cena brasileira, além de ter interferido na estrutura da encenação, num tempo em que não se sabia o que era "semiologia teatral". Dulcina era moderna, mesmo quando ainda não se sabia o que era isso.

Mutirão para salvar o Dulcina

Foto: Silvio Abdon

A Fundação Brasileira de Teatro, desde a sua implantação no DF, se caracterizou por atender aos estudantes de baixa renda da periferia do Plano Piloto de Brasília, normalmente trabalhadores com disponibilidade de horário para cursos noturnos. Esse grupo social foi o mais atingido pelas sucessivas crises econômicas. Aí reside a maior parte dos problemas financeiros vividos pela Faculdade de Artes e pelo Teatro Dulcina de Moraes.

Para colocar a FBT em um regime de administração moderno e dinâmico, o presidente da entidade, B. de Paiva, foi buscar nos quadros do Ministério da Cultura o novo secretário executivo da Fundação, Murilo Alves Nunes, que nos falou sobre seus planos para recuperar a Fundação Brasileira de Teatro. Eis a íntegra da entrevista.

DF-LETRAS — Qual a situação atual da FBT?

Murilo Nunes — A Fundação é um centro de formação profissional nas áreas da cultura, música, dança, artes cênicas e plásticas. Tudo feito com o esforço pessoal da Dulcina de Moraes. É claro que ela obteve apoio de governos passados, tal como o de JK, e do GDF. Mas, praticamente, ela construiu tudo sozinha. A FBT está autorizada a oferecer nove cursos, entre bacharelado e licenciatura. A Faculdade hoje tem apenas 390 alunos, mas já chegou a ter cerca de 1.200 estudantes. Em decorrência da crise houve um processo de esvaziamento e estamos oferecendo apenas dois cursos. Mas já começamos a reverter essa situação.

DF-LETRAS — Como você encontrou a Fundação quando assumiu a secretaria executiva?

MN — Quando eu assumi, há dois meses atrás, a Fundação tinha dívidas com o governo do Distrito Federal, com o FGTS, além de outras dívidas trabalhistas, tinha atrasados salários de professores e funcionários. Os sa-



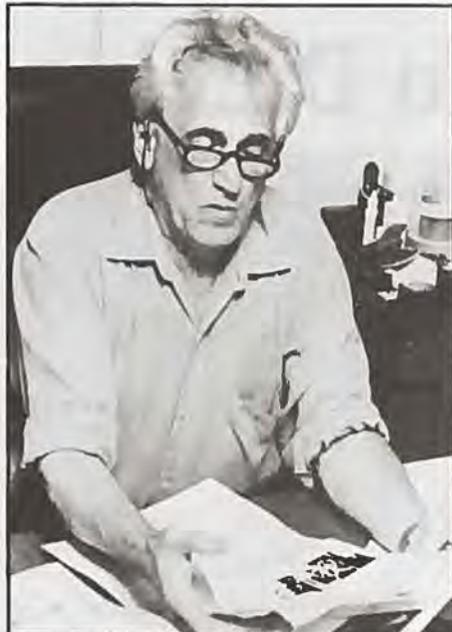
Dulcina interpretando uma cantora de opereta (álbum da família)

lários dos professores estavam atrasados seis meses e o dos servidores, três. Apesar desse quadro, tanto os professores quanto os funcionários deram uma grande prova de amor e dedicação à FBT. Não paralisaram os cursos nem o funcionamento da Faculdade. Hoje essa situação vem sendo vencida com muita dedicação e compreensão.

DF-LETRAS — A Fundação co-

meça a resolver o seu dia-a-dia, mas as causas do endividamento ainda permanecem. Como isso será equacionado?

MN — Estamos elaborando um projeto com base na Lei nº 8.313/91, que incentiva a cultura, para alocarmos recursos da ordem de R\$ 940 mil, visando à capitalização da FBT em 96, à liquidação dos débitos e à realização de investimentos ne-



B. de Paiva, presidente da FBT (E), e Murilo Nunes, estão empenhados em buscar recursos na iniciativa privada para o Dulcina

cessários para tornar o Dulcina novamente capaz de assumir a posição de vanguarda no ensino das artes no Brasil.

O projeto conta com o apoio do Ministério da Cultura e o do Secretário Nacional de Apoio à Cultura, Álvaro Moisés. Estamos nos preparando para a captação desses recursos entre pessoas físicas e jurídicas.

DF-LETRAS – *Como será essa ajuda?*

MN – As pessoas físicas que quiserem fazer doações à Fundação poderão deduzir até 80% do valor no Imposto de Renda, enquanto as jurídicas podem abater entre 60 e 75%. Além dessas ações já mantivemos contatos com o próprio secretário da Receita Federal, Everardo Maciel, que se propôs a analisar a solicitação da FBT de receber doações, através do Ministério da Cultura, de equipamentos eletrônicos apreendidos pela Receita, para a implantação da videoteca da Faculdade Dulcina.

DF-LETRAS – *Além do uso da Lei Sarney há algum outro tipo de ação?*

MN – A segunda parte do plano de ação será relativa à organização administrativa da FBT, incluindo a Faculdade e os teatros Dulcina e Conchita. A idéia é começar com uma reforma no teatro Dulcina para que ele melhore a qualidade do serviço oferecido, recuperando a imagem da Fun-

dação junto à comunidade para que ela volte a frequentar esse espaço cultural tradicional na cidade.

Estamos envolvidos, também, com a proposta do governo do DF de revitalizar o Setor de Diversões Sul, onde funciona a FBT.

Pretendemos ainda recuperar a biblioteca e instalar o centro de vídeo para os nossos alunos e professores; retomar o intercâmbio com outras entidades locais e internacionais; incluir a FBT no sistema Internet; dar treinamento a alunos e professores; reativar os cursos de dança e música que estavam desativados e o ensino de línguas estrangeiras, para dar aos alunos mais um instrumento de trabalho.

DF-LETRAS – *E a classe teatral tem-se mostrado receptiva à recuperação da FBT?*

MN – Estamos caminhando lentamente para tornar públicas todas es-

sas idéias. Mas o apoio da classe teatral do Rio, de São Paulo e daqui será fundamental. Brevemente estaremos convidando artistas de todas as áreas culturais para ministrar palestras e laboratórios na Faculdade de Artes. Internamente, professores e alunos estão se engajando nesse plano com bastante entusiasmo. Nesse primeiro semestre estaremos convocando os alunos para atuarem como agentes captadores de recursos, via Lei Sarney, para capitalizar a FBT. Esperamos a colaboração dos empresários de Brasília e dos grandes centros industriais do país.

DF-LETRAS – *E os recursos públicos? Eles serão desprezados?*

MN – Com relação aos recursos públicos, nós já recebemos os pagamentos dos créditos educativos que o Ministério da Educação devia à Faculdade. Cerca de 25% dos alunos matriculados na Faculdade de Artes são de uma faixa de renda mais baixa e se utilizam do crédito educativo. Entretanto, a assinatura de novos contratos está suspensa pelo governo federal. Para grandes instituições de ensino isso não é problema, mas para a FBT é uma questão de sobrevivência. Se o MEC tem por objetivo acabar com esse programa, o ideal seria que anunciasse logo essa decisão, permitindo às escolas que tomassem as medidas necessárias para não depender mais dele.

“ A idéia é começar uma reforma no Teatro Dulcina, melhorando o serviço e recuperando a imagem da Fundação junto à comunidade ”

PARACATU DO PRÍNCIPE



Igreja do Rosário, construída em 1800, tombada pelo patrimônio histórico nacional

... e os caminhos para o Planalto

□ Oliveira Mello

A cidade mineira de Paracatu faz parte hoje da área de influência do Distrito Federal. Entretanto, em épocas passadas, no tempo das entradas e bandeiras, Paracatu do Príncipe teve atuação marcante na colonização do Planalto Central e, mais recentemente, de Brasília.

Paracatu se fez presente desde os primeiros momentos da construção de Brasília. Assim como os diferentes caminhos para Goiás se cruzavam em Paracatu no Brasil colonial, a primeira linha regular de ônibus de Minas Gerais para a Nova Capital, que ainda era construída, também partiu de lá.

Oliveira Mello, esse entusiasta da cultura e das coisas do Planalto e de Paracatu, irá nos levar no tempo e no espaço pelos caminhos dos Goyazes em busca de ouro e de riquezas.

Luiz Estevão (PMDB)



O deputado Luiz Estevão, líder do PMDB na Câmara Legislativa, acaba de apresentar projeto de decreto legislativo propondo a concessão do título de Cidadão Honorário de Brasília a Athos Bulcão, um dos mais expressivos artistas plásticos do Brasil. Carioca, 78 anos, Bulcão foi professor da Universidade de Brasília (UnB) de 1963 a 1965, tendo sido reconduzido em 1988, pela Lei da Anistia. Está desde 1958 em Brasília, e tem contribuído para projetar a cidade com o seu trabalho.

José Edmar (PSDB)



Com vocação natural para as artes, Taguatinga avançou culturalmente de forma impar. Movido pela persistência, o segmento da arte desenvolve-se de forma atípica, pois a cidade não oferece espaços culturais adequados ao seu fomento. O Teatro da Praça, maior símbolo de reivindicação da cidade, esteve interdito por quatro anos, passando agora por reformas. Verifica-se, portanto, uma triste contradição: a comunidade é uma enorme fonte de cultura, mas não tem onde externar sua arte. É preciso modificar essa realidade, fazendo de Taguatinga a capital da arte do Distrito Federal.

Formosa está intimamente ligada à história paracatuense desde o seu alvorecer. O Ouvidor José Gregório de Moraes Navarro foi quem promoveu a demarcação territorial da nova Vila de Paracatu do Príncipe, por ele instalada em 18 de dezembro de 1799, que foi aprovada pela Câmara em 15 de outubro de 1800. E os seus limites atingiam até as cabeceiras do rio Preto, que tem as suas nascentes provenientes da lagoa Feia, “que verte do norte para o sul, a fim de, após o percurso de seis quilômetros, canalizar-se ao encontro das águas do ribeirão Santa Rita, formando o rio Preto, afluente do rio São Francisco”. Esses limites ocasionaram uma polêmica entre o capitão-geral de Goiás, D. João Manoel de Menezes, e o Ouvidor de Paracatu, José Gregório de Moraes Navarro, pois foram considerados arbitrários pelo capitão-geral, uma vez que envolviam territórios de sua jurisdição na capitania de Goiás.

Também sabemos que o vigário forâneo da Vila de Paracatu do Príncipe, padre José de Pina Vasconcelos, nomeou o padre Manoel Pereira de Amorim para vigário e escrivão do Arraial dos Couros, em 26 de outubro de 1800, cujo território eclesiástico era subordinado à Diocese de Olinda (PE) e sobre ele tinha poderes a comarca eclesiástica de Santo Antônio da Manga de Paracatu. Antes dessa nomeação, vários sacerdotes residentes em Paracatu vinham sempre em desobriga a Nossa Senhora da Conceição dos Couros, a mando do vigário-geral, padre Antônio Joaquim de Souza Correia e Melo. Mais recentemente, não podemos deixar de mencionar o trabalho dedicado e apostólico dos frades dominicanos franceses, responsáveis pela paróquia de Formosa, na cidade de Paracatu. Principalmente o padre frei Aleixo, cuja presença nos dias difíceis da igreja paracatuense, na década de 1920, foi marcante. Inclusive foi ele o encarregado de instituir a comissão que iria angariar fundos para a instalação da futura paróquia, após criada pelo Papa Pio XI, em 4 de abril de 1929, instalar-se-ia em 4 de agosto do mesmo ano, sob a responsabilidade dos padres Carmelitas da Antiga Observância, tendo à frente o Prelado Monsenhor Eliseu van de Weijer, que se tornou bispo-prelado em 1940.

Várias pessoas de Paracatu, nos albores da formação do núcleo urbano de Formosa, para aqui imigraram, tornando-se, mais tarde, tradicionais do lugar, como foi o caso de Tomaz Ferreira de Aquino, filho dos



Garimpeiro bateando no rio Paracatu

paracatuenses Manoel Francisco e Ana Fernandes, negociantes e fazendeiros de Paracatu, que vieram residir aqui e onde lhes nasceu o filho no findar do século XVIII. Aliás, o historiador de Formosa, Olympio Jacintho, referindo-se ao aumento da população de Couros, afirma que pessoas de Paracatu vieram aqui “se estabelecer, onde constituíram famílias, cujos descendentes fazem parte da população atual”. Mais próximo dos dias atuais, entre os outros paracatuenses que aqui se radicaram, Formosa contou com a presença e a integração em sua comunidade do saudoso e douto Antônio Ribeiro Júnior, marcante como cidadão probo e grande contribuinte para com a cultura local.

Por outro lado, há também ligações menos desejáveis e tristes. Muitos ainda devem recordar-se da figura do bandoleiro Saulinho, considerado o Lampião do nordeste de Minas, que assaltou e saqueou muitas fazendas daqui, entre outras a de Virgílio Curado. Foi um tempo de sobressaltos e de muitos transtornos para a população formosense, principalmente a rural. Deve haver documentos a respeito nesta comarca, pois alguns de seus componentes chegaram a ser presos pela polícia goiana e sumariados pela justiça formosense. A história registra que Benedito de Tal ficou preso na

cadeia de Formosa, onde veio a falecer de pneumonia, antes de ser julgado.

Luziânia

Foi de Paracatu, após formar uma grande bandeira, complementada por elevado número de escravos, que Antônio Bueno de Azevedo partiu rumo ao ocidente, “e atravessando a Serra de Lourenço Castanho, o rio São Marcos, (...), o ribeirão Arrependidos”, num percurso de agosto a dezembro de 1746, descobria, no dia 13 de dezembro, grande quantidade de ouro à praia de um riacho. Aí se estabeleceu, continuando a minerar, e, em homenagem ao santo do dia, denominou o local de Santa Luzia. Após algum tempo, segundo o historiador Joseph de Mello Álvares, levou ao conhecimento do governador D. Luís de Mascarenhas, de São Paulo, o “bom sucesso de sua empresa” e também resolveu “mandar a Paracatu (...) e para não perder a oportunidade comunicou ao governador da capitania de Minas Gerais (...) que tocou até um rio, cuja margem oposta já estava habitada por gente de Goiás, segundo ele supunha”.

“Assim, Bueno, com uma cajadada matava dois coelhos: tinha a glória de concluir a grande picada de viação de Minas Gerais para Goiás, e a descoberta das minas de Santa Luzia.”

A notícia dada para Paracatu correu mundo e, dentro de pouco tempo, centenas de caravanas, oriundas de várias regiões da colônia, e mesmo de outros países, locupletavam as novas minas de Santa Luzia. Até o superintendente e guarda-mor de Meiaponte, coronel Fernando Bicudo de Andrade, imediatamente se dirigiu ao lugar para constatar o novo descoberto e, com certeza, já para assumir o seu poder administrativo. No entanto, o governador e capitão-

geral, D. Luís de Mascarenhas, nomeou o seu descobridor, Antônio Bueno de Azevedo, superintendente e guarda-mor das minas de Santa Luzia. Até o superintendente e guarda-mor de Meiaponte, coronel Fernando Bicudo de Andrade, imediatamente se dirigiu ao lugar para constatar o novo descoberto e, com certeza, já para assumir o seu poder administrativo. No entanto, o governador e capitão-geral, D. Luís de Mascarenhas, nomeou o seu descobridor, Antônio Bueno de Azevedo, superintendente e guarda-mor das minas de Santa Luzia, para decepção do ambicioso Bicudo.

Aí também foi morar o mestre-de-campo Manoel de Bastos Nerva, que chegou em Paracatu por volta de 1740. Empreendeu nos serviços de mineração, entre eles construindo o famoso rasgão, um rego com mais de 70 quilômetros de extensão, partindo do ribeirão do Galinheiro, rumo ao Arraial de São Luís e Santana das Minas de Paracatu. Ainda há certidões desse seu arrojado empreendimento, através de alguns trechos do rasgão, no centro urbano de Paracatu, e do Tanque de Nerva, hoje local da sede social da Associação Atlética do Banco do Brasil, bem no coração da cidade. Reza a tradição, não se sabe o quanto de verdade e o quanto de lenda, que o povo não acreditava na empreitada do mestre-de-campo, de levar água até onde planejava. Por isso, com zombaria, afirmavam que a água iria até onde Nerva desejava só se fosse conduzida em cabaça. Ciente desse descrédito de seus contemporâneos, enquanto construía, mandou que fossem plantando cabaceiras à beira do rasgão. E, concluído o serviço, soltou as águas do rego pelas ruas da cidade e, junto, milhares de cabaças, produzindo um infernal barulho. O povo, tomando aquilo como insulto, apedrejou a morada do mestre-de-campo. Aborre-

cido e indignado, em 1755, transferiu residência para as minas de Santa Luzia de Goiás. Há idêntica tradição em Luziânia, com registro detalhado do historiador Joseph de Mello Álvares, em sua “História de Santa Luzia”, com referência às águas do Saia Velha.

O mestre-de-campo Nerva teve participação muito ativa na comunidade de Santa Luzia, inclusive na elaboração da planta da igreja matriz, cuja construção foi iniciada em 1765.

Outros mais de Paracatu, em épocas posteriores, além do fundador, dos componentes da sua bandeira, de Nerva, estiveram presentes na vida de Santa Luzia, cabendo destaque aos Pimentéis Barbosa, através de Benedito Pimentel Barbosa, descendente do capitão-mor Domingos Pimentel Barbosa, no findar do século XIX. Trata-se do avô de nosso amigo, aqui presente, Antônio Pimentel, que é também descendente direto do grande historiador de Santa Luzia, Joseph de Mello Álvares, cujas raízes se encontram em Paracatu. Um casamento feliz de dois ilustres troncos paracatuenses: Pimentel Barbosa e Mello Álvares. Há também a recíproca; com raízes de Santa Luzia temos a destacar as famílias Meireles e Roriz, sobretudo. Dessa última descende o atual Presidente do Banco Central, Gustavo Jorge Laboissière Loyola, através do lado materno, neto que é do paracatuense Genésio Laboissière.

Não obstante as dificuldades de meios de comunicação da época, paracatuenses e luzianienses mantinham intenso intercâmbio. A prova dessa afirmativa está no contato íntimo do polígrafo Americano do Brasil, tragicamente morto em Santa Luzia, onde morava, com paracatuenses lá residentes, sobretudo com o historiador Olympio Gonzaga. Americano do



Antiga rua da Capelinha, hoje Pinheiro Chagas



**Jorge
Cauhy
(PMDB)**

É inegável a contribuição de Dulcina de Moraes ao teatro brasileiro. Atriz das mais talentosas, Dulcina poderia tranqüilamente continuar vivendo no eixo Rio/São Paulo, mas preferiu dividir seu talento com centenas de jovens brasilienses, criando aqui na capital da República a Fundação Teatro Dulcina.

A Fundação, ao longo dos anos, cumpriu seu papel não só de fomentar a arte entre os jovens como também de dar à cidade um teatro por onde passaram excelentes produções.

A Fundação vive hoje uma situação dramática. Precisa de apoio. A Câmara Legislativa não irá negá-lo.



**Manoel
de
Andrade
(PMDB)**

Quando falamos no teatro Dulcina, logo nos ocorre um assunto diretamente vinculado à sala – a revitalização do Setor Comercial Sul, uma necessidade há muito discutida e que nunca deixou de ser projeto. Como já aconteceu em outras cidades – Salvador, Curitiba e Rio são exemplos –, criar condições para que as regiões centrais possam ser utilizadas para atividades culturais é, comprovadamente, um bom negócio. Ao contrário de ser um espaço marginal, o Setor Comercial Sul pode, naturalmente, ser incorporado aos locais de entretenimento de Brasília, tornando-se mais uma opção de lazer para a comunidade. Basta um pouco de planejamento e vontade de realização da administração pública.

Brasil escreveu o poema “Saudades de Paracatu”, para ser cantado com a música de “Luar de Paqueta”, de Hermes Fontes. Para quem o lê e desconhece a origem de seu autor, pensa que tenha sido escrito por um paracatuense ali nascido e ali criado, tornando-se marcante a ausência de sua terra natal.

Brasília

Um dia, em 1823, em memorável sessão da Assembléia Constituinte do Brasil, o Patriarca José Bonifácio sugeriu a mudança da capital do País para o centro do Brasil, em um local adrede escolhido na comarca de Paracatu. Sugeriu mais, que o seu topônimo fosse Brasília. Depois de mais de um século, um filho da mineira terra de Diamantina, onde a desgraça arruinou a vida de Felisberto Caldeira Brant, que partira de Goiás, nos idos de 1739, para descobrir ouro em Paracatu, iria construir a Capital da Esperança, não em algum ponto da comarca de Paracatu, mas nas suas proximidades, em território que foi desbravado e fundado por um bandeirante saído de Paracatu. E entre os pioneiros da construção de Brasília, o primeiro na lista de seus operários, ouvindo ainda uivos de onça durante o silêncio da noite no escampado do cerrado, estava o paracatuense Antero Santana. Homem simples, homem do povo, que acreditou e aderiu no primeiro momento, chegando nas terras da futura capital com a coragem e a fé inabalável do que o homem paracatuense pode realizar, apesar da hostilidade do meio ambiente e das dificuldades de quem acreditava no futuro promiss-

or de um povo. E assim Paracatu se fez presente desde o primeiro momento na construção de Brasília no Planalto Central. Foi ainda de Paracatu que surgiu a primeira linha regular de ônibus de Minas Gerais com a futura capital que ainda se construía, através da Expresso Neiva e Cia. Ltda. Filhos de Paracatu continuaram em Brasília, contribuindo para sua estruturação e muitos se destacam na vida brasiliense, seja na política, nas universidades, seja na vida diplomática, na literária, na empresarial.

Mas não ficam só nisso as ligações de Paracatu em Goiás. Elas são muito mais profundas. Paracatu foi uma encruzilhada dos que vinham do Nordeste para Goiás e dos que subiam de São Paulo rumo ao mesmo Goiás. Caminhos cruzando e deixando na velha cidade do noroeste de Minas uma permanência marcante: a vivência atenta do passado.

Um fato temos de admitir: não há uma data precisa do soerguimento do povoado de Paracatu. Antes da fixação das bandeiras exploradoras de ouro, Paracatu já devia ser habitada, mesmo como local de arranchamento dos que se serviam desse caminho que ligou o centro minerador de Goiás aos centros criadores do noroeste da capitania de Minas Gerais. Confirma-se sua existência por uma correspondência de 20 de novembro de 1769, do guarda-mor Teodósio Duarte Coimbra ao governador Conde Valadares, que escreveu: “A chapada deste Arrayal, por cima da rua chamada dos Goyazes”. Foi, portanto, essa rua a primitiva estrada que procurava as minas de Goiás.

“... Em 1736, quatro diferentes caminhos para Goiás passaram a fazer junção em Paracatu: a Picada de Goiás, cuja constru-



5 *Beco de Siá Amélia*

ANA CAVALARI



ção foi permitida por despacho do governador Gomes Freire de Andrada, de 8 de maio de 1736; a de Pitangui a Goiás, também autorizada, em 1736, ao requerente Domingos de Brito e seus sócios; a que passava por São Romão, onde desembocavam caminhos de Minas, da Bahia e de Pernambuco; e o caminho que transpunha o São Francisco na passagem do Espírito Santo, nas proximidades da barra do rio Abaeté. A Picada de Goiás e a que passava por São Romão eram as mais freqüentadas; sobre esta última há o seguinte documento de 1736: "Este caminho há de ser o geral e o mais freqüentado para os Goyazes". Ora, se esses quatro caminhos iam juntar-se em Paracatu, de onde um apenas continuava para Goiás, é bem possível que aí nesse entroncamento houvesse, então, casas de hospedagem, e, provavelmente, algum povoado com recursos para os viajantes. Que o arraial é anterior ao manifesto das minas de ouro, em 24 de junho de 1744, não há dúvida."

Tão cabal é essa afirmativa que, precedentes de Vila Boa de Goiás, o célebre aventureiro Feslisberto Caldeira Brant e seus irmãos vieram ter às minas de Paracatu, subsistindo dúvida sobre a data desse evento. Com toda segurança foi na primeira metade do século XVIII, por volta do ano de 1739. Com o Manifesto Legal, que veio justamente no período da decadência das outras minas, foi tal a sua fama, ainda no ano de 1744, que o governador da capitania de São Paulo desejou ter o domínio sobre elas. Mais curioso ainda, com o apoio do Ouvidor Geral de Goiás.

Vila Boa de Goiás teve, além do bandeirante, suas ligações com Paracatu.

Depois de três dias chegados a esta cidade, a caminho de sua prelazia de Goiás, a 8 de outubro de 1808, quase repentinamente, falece o bispo Dom Frei Alexandre Vicente Tovar, que foi "sepultado em um carneiro que se fez na capela-mor" ao lado do evangelho da igreja matriz de Santo Antônio, atual catedral.

Os Melos Francos

No campo jurídico, Virgílio Martins de Melo Franco, que lá morou com sua família, pelos idos de 1876, serviu, durante um ano, como juiz no Tribunal da Relação. E esse período que serviu em Goiás ficou marcado no seu livro "Viagens pelo Interior de Minas e Goiás", com detalhes muito interessantes sobre várias localidades da Província. Seu filho primogênito, o escritor Afonso Arinos, mais tarde, em "Desamparados", bem coloca a paisagem de sua infância, quando muda para Goiás, acompanhando a família.

"Foi no chapadão extenso que chanfra a cumeada da grande cordilheira das Vertentes; naquele ponto dos limites entre Minas e Goiás, em que o dorso da serra parece morder as nuvens baixas e aprumar-se para abrir leito e remansado Paranaíba."

A família de Virgílio Martins de Melo Franco, e principalmente seus dois filhos mais velhos, já em idade escolar, não muito estranhou a vida de Vila Boa

de Goiás, apesar de capital da Província. Paracatu, além de se encontrar nas fronteiras do estado goiano, ainda muito se ligava aos costumes da antiga capital. Ao lado da semelhança de vida e dos costumes, havia também o muito de identidade da própria urbe, nascida à sombra do ouro.

Cora Coralina, maior expressão da poesia de Goiás, no poema "Antiguidades", lembra-se da paracatuense D. Joaquina, mulher simples e do povo:

D. Joaquina era uma velha grossa, rombuda, aparatosa. Esquisita.

Demorona.

Cega de um olho.

Gostava de flores e de vestido novo, Tinha seu dinheiro de contado.

Grossas contas de ouro no pescoço.

Anéis pelos dedos.

Bichas nas orelhas.

Pitava na palha.

Cheirava rapé.

E era de Paracatu.

É ainda Cora Coralina, em seu "O Beco da Escola", que se lembra, dentre outras, de Mestra Inholá, "esquecidas mestras de Goiás", em cuja escola estudou Afonso Arinos. D. Pacífica Josefina de Castro foi mestra respeitada e querida de muitas gerações. Sua sala de aula era bastante modesta e bastante idêntica

Geraldo Magela
(PT)



O teatro Dulcina reúne todos os requisitos para fazer dele um marco e um dos pontos mais nobres da capital da República. Excelentemente bem construído, o prédio quer sempre lembrar que a grande Dulcina de Moraes escolheu Brasília para criar o seu espaço. Como pode vir a ser também centro de formação de profissionais das artes, devemos nos unir para dar ao teatro Dulcina todas as condições possíveis para que novas e constantes produções culturais garantam uma longa vida a esse sonho brasileiro.

Renato Rainha
(PL)



Só a arte é capaz de eternizar todos os momentos e revelar o artista que registra no tempo e no espaço a essência múltipla da vida. Nesse imenso palco de sombras e argamassas, bilhões de seres humanos são atores ativos e passivos na construção do futuro. A representação no presente é dramaticamente vivida por dois grandes grupos: a minoria possuidora dos bens não dorme vigiando-os, e a grande massa também não dorme, gemendo necessidades espancadas à noite em tragédias que amanhecem estampadas nos jornais. Esse drama do cotidiano estará no diálogo e na ação teatralizada num pequeno espaço fechado, diante de um público atônito, representando a vida.

à do mestre Caldeira, em Paracatu, onde Arinos iniciou sua vida escolar. Por essa sala de aula passaram muitos alunos que se tornariam ilustres, além dos irmãos Arinos e Afrânio. E conservou, durante toda sua vida, o mesmo aspecto, com os mesmos bancos e mesas compridas. Lá em Vila Boa de Goiás, com o modesto professor Joaquim Fernandes, terminou Arinos a instrução primária.

Há muito da infância de Arinos em Vila Boa de Goiás, sutilmente retratada em sua obra regionalista. E ele teria o seu sucessor, que nasceria 14 anos depois de seu regresso a Minas Gerais. Trata-se do também regionalista Hugo de Carvalho Ramos, nascido em Vila Boa de Goiás, também filho de um juiz, e tido como "primeiro prosador de Goiás", e cujo centenário de nascimento ocorreu em 1995. Em "Tropas e Boiadas", ressaltando as características próprias de uma obra escrita depois de duas décadas de "Pelo Sertão", de Arinos, há muito de semelhança ao retratar o sertão, os seus moradores, os seus costumes e os seus usos. Trata-se de mais um elo de Vila Boa de Goiás com Paracatu, através de uma literatura inovadora e rica, que marcou época nas letras brasileiras.

A cidade de Goiás está muito relacionada com a política paracatuense na década de 30, tendo à frente Quintino Vargas. Minas Gerais se sentia ameaçada e, para se defender, formou uma força contra Goiás, que oferecia resistência, com a oligarquia dos Caiados. Formou-se então a Coluna Arthur Bernardes, com o objetivo de defender Minas Gerais, na Revolução de 1930. Estruturada a Coluna sob o comando de Quintino Vargas, ela entrou em Goiás pelo sudeste e, depois de tomar Cristalina, Planaltina, Formosa e realizar prisões de chefes políticos locais, prefeitos, deputados e senadores, continuou sua marcha rumo à capital, passando por Vianópolis e Itaberaí. Em 27 de outubro chegou à cidade de Goiás, ocupou o Palácio do Governo e dominou o poder goiano, empossando o Dr. Carlos Piniheiro Chagas como interventor federal de Goiás.

Entre os ocupantes desse grupo revolucionário é de bom alvitre que se nomeie o Dr. Joaquim Câmara Filho, cunhado de Quintino Vargas, que veio fixar residência em Goiânia, logo após sua fundação, onde ocupou cargos de relevância na vida política do estado e, juntamente com seu irmão, Jaime Câmara, em 1938 fundou o jornal "O Popular", que seria o início da mais poderosa organização jornalística de Goiás.

Em se referindo a Goiânia, que sempre contou com a presença de vários paracatuenses em sua vida social, empresa-

“...Em 1736, quatro diferentes caminhos para Goiás passaram a fazer junção em Paracatu”

rial e intelectual, deve-se um destaque especial à pessoa do professor Antônio Teodoro da Silva Neiva, sociólogo respeitado, que publicou minucioso estudo, em três volumes, intitulado "Iniciação à Antropologia Goiana".

Triângulo

Um dos principais acontecimentos políticos na segunda década do século passado foi a anexação do Triângulo Mineiro à comarca de Paracatu. Isso aconteceu devido a um pedido dos moradores de Araxá, cujo julgado pertencia à Ouvidoria de Goiás, em 1815, solicitando a sua anexação ao território mineiro. Em atendimento a esse pedido, o Príncipe Regente, D. João, expediu alvará, em 4 de abril de 1816, com estas ponderações: "Querendo promover as comodidades daqueles povos que, pela indústria e digna aplicação à lavoura, se fazem dignos de minha real contemplação. Hei por bem separar e desanexar da capitania e comarca de Goiás os dois julgados e freguesias do São Domingos do Araxá e Desemboque com todo o território que lhes pertence; e mando que, deste Alvará em diante, fiquem pertencendo à capitania de Minas Gerais e à comarca de Paracatu, fazendo parte dos limites desta."

A partir de 1838, os políticos paracatuenses menosprezavam os eleitores da margem esquerda do São Marcos. Os moradores dessa região foram sempre tidos como adversários e não atendiam aos interesses eleitoreiros. Houve a represália. A maioria então se registrou em território goiano. Em consequência, as autoridades goianas estenderam seus domínios além da margem esquerda do rio São Marcos, em uma faixa que ia após os ribeirões do Bonsucesso e do Rodrigues. A área dessa invasão foi calculada em 400 quilômetros de comprimento por 60 de largura. Desde então as autoridades goianas, principalmente através de seus agentes fiscais, começaram a impor pesados tributos aos proprietários, ocasionando uma confusão geral, com

grande prejuízo para a economia mineira e, sobretudo, para a paracatuense. A grita foi geral.

Nasceu desse estado de coisas um litígio de divisa entre Minas Gerais e Goiás na margem esquerda do rio São Marcos, desde sua barra no rio Paranaíba até sua cabeceira no ribeirão dos Arrepêndidos. E no chapadão, na principal estrada boiadeira transitada pelos criadores do município de Paracatu, eles tinham os seus passos interditados pela fiscalização goiana, quando conduziam boiadas adquiridas no norte do município. Eram obrigados a pagar uma taxa itinerária (simplesmente absurda), enquanto conduziam os animais dentro do próprio território de Minas para Minas. Ai dos que se negassem a pagar taxações! Os fiscais tinham cobertura da polícia goiana, com prática de violência, gerando sérios conflitos.

Acredito que isso também tenha sido motivo de um revanchismo por parte dos goianos. Pois toda a zona mineira à esquerda do Paranaíba e contornada pelo rio Grande (o chamado Triângulo Mineiro e uma pequena extensão do extremo oeste), a partir de 1766, esteve sob a jurisdição provisória da capitania de Goiás. O primeiro movimento de reintegração desse território ao de Minas Gerais foi reivindicado pela Câmara Municipal de São Bento do Tamanduá (Itapecerica), em carta de 20 de julho de 1793, a D. Maria I. A partir de então avolumou-se junto ao governo régio a corrente defensora dos direitos históricos de Minas àquela região, até que D. João, pelo alvará acima referido, a reincorporou à jurisdição mineira, subordinando-a à comarca de Paracatu.

Depois de mais de um século, após muitos debates, muitas reivindicações

junto a vários governos do Brasil ainda Império e depois republicano, após estudos e pareceres de muitas comissões especialmente nomeadas para esse fim, o litígio somente deixou de existir por ato do presidente Getúlio Vargas, em 1943.

Já percorremos caminhos vários procurando demonstrar as ligações de Paracatu com Goiás. Neste percorrer através da história, ousou afirmar que a antiga São Sebastião da Serra dos Cristais é quase uma extensão de Paracatu em Goiás, pois um número elevado de famílias paracatuenses, possuidoras de propriedades rurais no município, fizeram de lá sua segunda terra. Não fica apenas nisso. Otto Mohn, em seu "História e Estórias de Cristalina", prefaciado pelo paracatuense Antônio Ribeiro Júnior, de que já mencionamos, afirma: "Em 1879, dois franceses, Etienne Lepesqueur e Léon Laboussière, vindos da vizinha cidade de Paracatu, onde residiam, comerciando com ouro, adquiriram, a título de experiência, uma pequena quantidade de quartzo, que enviaram para a França, com ótima aceitação, obtendo preço altamente compensador. Despertando-lhes então o interesse pelo negócio, voltaram em 1880, estabelecendo no local hoje denominado Serra Velha o núcleo inicial do povoado."

Além de Luziânia, no século XVIII, também de Paracatu, nas últimas décadas do século XIX, saíram homens para iniciar a fundação de novo núcleo populacional em Goiás, que seria a progressista Cristalina de hoje.

Casa Branca

Falamos de propriedades rurais de paracatuenses no município de Cristalina. A uma delas devemos destaque espe-

cial, Casa Branca, distante de Paracatu cerca de 60 quilômetros e de Cristalina pouco mais de 30. Era de propriedade de Francisco Botelho. Lá, além da vida rural, havia intensa vida intelectual. O dono era fazendeiro, mas a sua esposa era filósofa e cultivava em seus filhos esse amor ao mundo do saber. E assim, entre os dez filhos, duas foram poetisas, Branca e Beatriz e um, filósofo como a mãe, Pero. Ele, que também quis ser fazendeiro como o pai, atendeu à solicitação materna, que fizesse pelo menos o curso ginasial. E foi muito além, terminando seus dias, depois de doutor em Filosofia, como professor de Didática de Filosofia e autor de diversos livros filosóficos. Não mais quis ser fazendeiro, voltou à cidade e um dia justificou: "A fazenda, a verdadeira fazenda do homem, não tem liames pecuniários nem se encontra no agro. Acha-se, oculta, no seu íntimo. Vive em suas emoções, em sua sensibilidade, em seu entendimento."

E sua irmã Beatriz, em "Odisseu, meu irmão", comentou sobre essa justificativa de Pero: "Não compreendíamos a metamorfose. Foi aí que o menino-homem disse: 'gente, só agora descobri que sou, como Sócrates, um intramuros, um homem da cidade e não do campo, da paisagem.'"

E a fazenda patriarcal deixa suas divisas e invade, na 'fazenda do homem', para toda a sua vida, os campos da memória, do entendimento, da emoção. Ele encontra Sócrates na esquina de alguma praça da cidade, e cheio de entusiasmo, entendimento, melancolia, com cle saiu andando pelas vias e vielas do pensamento, dialogando, dianoando.

E nunca mais parou."



Câmara Municipal de Paracatu

**Lúcia
Carvalho
(PT)**



No próximo dia 7 de julho, a Fundação Brasileira de Teatro (FBT) completa 41 anos de vida, graças ao ideal e dedicação de Dulcina de Moraes e Odilon Azevedo – seu companheiro de sonho e profissão.

Mesmo com a crise conjuntural que tem levado bancos à falência e ameaçado de extinção universidades federais, a obra de Dulcina permanece viva, com seus quase 400 alunos. É bom lembrar que qualquer cidadão, empresa pública ou entidade privada, pode ajudar a FBT, com isenção no Imposto de Renda. Queremos hoje homenagear a FBT, uma das mais antigas obras de educação e cultura do Brasil.



**Adão
Xavier
(Sem Partido)**

Apresentação da Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro nas cidades-satélites do Distrito Federal é o que prevê projeto de lei de minha autoria que tramita na Casa.

O meu principal objetivo é levar a cultura até onde o povo está. A população que mora em locais mais distantes ainda não teve a oportunidade de contemplar a sinfonia transmitida pela Orquestra do Teatro Nacional, talvez porque convencionou-se que músicas clássicas não são apreciadas pela população de baixa renda. O meu projeto de lei visa mudar esse quadro. Quero colocar à disposição da comunidade mais uma alternativa cultural.

Quando passo às margens da sede da fazenda Casa Branca, contemplando os buritizais com seus cocares brilhantes pela vereda extensa, lembro-me do paracatuense Arinos, evocando em página antológica o “Buriti Perdido” e recordo-me da fazenda da cultura da inteligência, onde se reúnem intelectuais para tertúlias literárias naquele bucolismo virgiliano. Não mais é propriedade do mundo intelectual, pois, hoje, “tem liames pecuniários”. Acha-se exposta, saiu da intimidade, não vive mais em suas emoções, nem em sua sensibilidade, nem em seu entendimento.

Neste andar pelo tempo dentro do espaço Paracatu – Goiás, não podíamos deixar de referir-nos às ligações de Paracatu com Catalão, municípios também limítrofes. Principalmente através da família Victor Rodrigues.

Primeiramente Alceu, farmacêutico, que exerceu a profissão em Paracatu nos idos de 1890, tendo fundado, juntamente com Júlio César de Melo Franco, em 1896, o jornal “Paracatu”. Poeta e ensaísta, colaborou com os jornais que circulavam na cidade. Retornou a sua cidade de origem, onde faleceu aos 36 anos de idade, em 1902. Merece destaque também a presença de seu irmão, Gastão, poeta e prosador. Concluiu o curso de normalista na velha Escola Normal de Paracatu, em 1898, onde passou a residir aos 9 anos de idade. Nessa cidade veio a se casar, em 1907, com D. Leonor Pimentel Ulhoa. Ainda em Paracatu, em 1909, fundou e dirigiu o jornal “O Paracatuense”, órgão político e literário, até o ano de 1912. Como advogado, formou-se em 1906 pela Escola de Direito de Goiás. Foi nomeado para instalar a comarca de Anápolis, efetivando a solenidade em 15 de abril de 1915, e exercendo o cargo de Juiz de Direito até a sua prematura morte

“*Foi de Paracatu que surgiu a primeira linha regular de ônibus de Minas Gerais para a nova capital*”

nesta cidade, aos 34 anos de idade, onde foi sepultado. Além de “Agapantos”, editou “Páginas Goianas”, já no ano de seu falecimento, em que analisa a literatura goiana até aquela época. Durante algum tempo, residiu nesse local, onde exerceu a profissão de médico um seu irmão.

Se tempo e meios houvesse para mais aprofundadas pesquisas, poderia mostrar muito mais o relacionamento da terra de Afonso Arinos com as terras goianas. Além de outras, Ipameri, outrora Vai-e-Vem, depois Entre Rios, também aqui se fariam presentes. Este último foi um nome que desde criança sempre ouvi falar. Minha mãe, quando moça, lá residiu com seus pais e, nos idos de 40, meus avós maternos para lá retornaram, onde permaneceram por mais algum tempo. E como falavam com saudade da cidade e de sua gente! Além de membros de outras famílias, como Aquino, aí também morou o gaúcho-poeta, Eurico Gutierrez, depois de residir e lecionar algum tempo em Paracatu.

Oliveira Mello, escritor, historiador, folclorista e membro da Academia de Letras Brasil Central, entre outras instituições culturais



Antigo sobradinho do largo do Santana, hoje reconstruído, que abriga a sede do Arquivo Público Municipal

Assim, de passagem...

□ Nelson Pantoja

A surpresa é logo ao sair da BR-040: Paracatu não é uma cidade de beira de estrada! Em suas ruas, a do Ávila; esquinhas, as das Flores, e prédios coloniais, o da igreja Matriz, a história da região, do Brasil Central, é latente, apesar de (algumas) edificações dispensáveis, que em nome de novos tempos ameaçam o sortilégio dos tempos eternos.

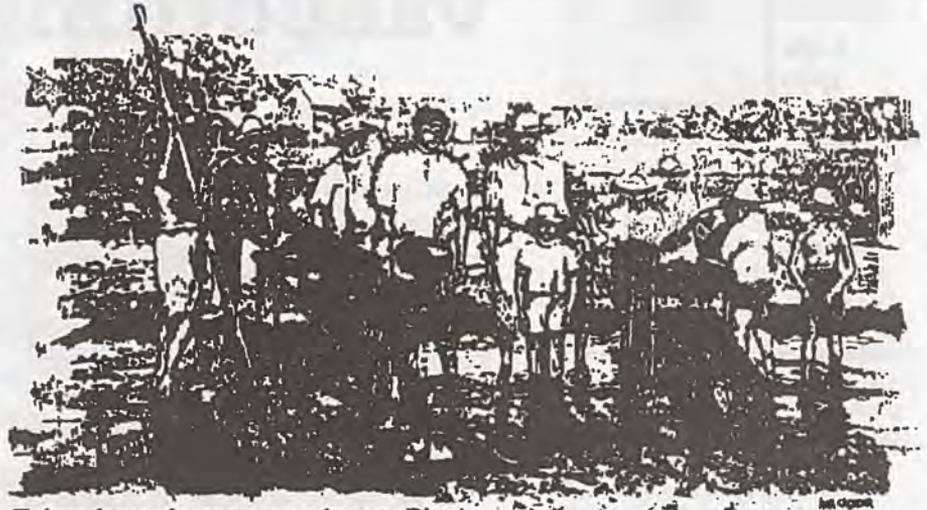
A cidade - outra surpresa - é limpa. Das ruas ao interior das residências, das praças aos becos. Estes, na verdade, nem tanto... Beco é beco em qualquer lugar do mundo! Sempre com aquele ar soturno de quem não tem saída.

Uma curiosidade: os pisos das residências. Foi um prazer, por exemplo, entrar na casa de D. Maria de Oliveira. O piso, de tão limpo, é um convite à consciência: o ideal seria tirar os sapatos. Com seu estilo sereno, mas matriarcal, a dona da casa, contudo, não admite tanta intimidade. Embora solícita, convidativa, ela é solene. Afinal, é mineira. E, lá pelas Minas Gerais, ninguém ousa pisar nas tradições.

Na casa simples de D. Maria há um pé de manacá. Florido! Tem também um casal de papagaios floridos em suas tagarelices. É um quintal... Um quintal que lembra, a gente nem sabe bem por que, outros tempos.

O manacá, os louros debochados, o piso limpinho, o quintal, o fogão de lenha, a casa - do jeitinho simples que o marido deixou - os filhos, os netos, os bisnetos: o mundo de D. Maria. Por aquele mundo do qual é testemunha ocular, célula-mater, Paracatu passa. E o mundo, como até os papagaios sabem em sua inconsciência verbal, não é tão florido como o pé de manacá.

Que o diga Jerônimo, um dos filhos de D. Maria. Com nome de herói do sertão, Jerônimo lembra - surpresa maior - que Paracatu já foi um porto fluvial. Os vapores, recorda, vinham de Pirapora pelas mareas do "Velho Chico" até o porto de Buriti. O rio era a estrada de Paracatu... Os vapores, de tanto trazerem o progresso, foram com o progresso para não mais voltar. Hoje, o porto está desativado. O cais abandonado. Os vapores foram substituídos por caminhões e Paracatu - surpresa histórica - é uma cidade também de beira de estrada. O mundo, Jerônimo, diz D. Maria em seu silêncio obsequioso, é uma contradição.



Faiscadores do ouro no córrego Rico

D. Maria, sempre lúcida, fará, agora, neste 7 de setembro, Dia da Independência do Brasil, 90 anos, segundo seus filhos; 89, segundo ela em sua vaidade prolecta. De parente a parente, D. Maria, como se estivesse compilando a história de Paracatu através de suas próprias gerações, diz, sibilina, em tom confessional, como boa mineira que é, que Paracatu "é pra sempre. Eles garantem o futuro". Eles, o futuro, são os netos e os bisnetos, 78 ao todo. Dudu, impassível em sua inteligência; Lilian, uma das mais belas. De supetão, D. Maria pergunta se os visitantes já foram à Casa da Cultura.

Ao lado de Maria Cândida e Darlene, filhas do local, netas de D. Maria, a Casa da Cultura. Logo, à primeira vista, constata-se o extremo cuidado com os móveis, com os documentos, com as plantas das varandas. É um ambiente que nutre em si uma agradável sensação de bem-estar. Tudo bucolicamente histórico. Do carro de boi às carteiras escolares onde Maria Cândida ensaiou suas primeiras letras, no mesmo local onde estudou Afonso Arinos, da terra como ela, orgulho de Paracatu. É lá que se fica sabendo que, em 13 de fevereiro de 1927, à frente Siqueira Campos, a Coluna Prestes tentou tomar a cidade. Paracatu do Príncipe, honrando suas tradições monárquicas, rechaçou os revolucionários.

Pelas praças - em Paracatu as pessoas se encontram na praça, vivem a praça, dão vida à praça - a sutileza histórica das igrejas coloniais. A dos bran-

cos e a dos negros. Todas centenárias. Um pouco adiante o Arquivo Público e, escondidinho, com um jeito desconfiado de existir, o "Bar D. Beija". D. Beija passou por Paracatu? Tem gente que duvida. A boêmia não: D. Beija passou por ali como continua a passar, com sua silhueta esvoaçante de personagem mágica. É um motivo a mais para uma cerveja a mais.

Entre tantos esmeros, obra do prefeito Manuel Borges, que, segundo se constata, tem uma preocupação especial com a preservação histórica da cidade, além de um programa educacional que está servindo de exemplo para outros Estados, um fato a lamentar: o assoreamento do rio que corta a periferia. Por onde passava um rio, apenas um fio de água, como se a natureza, em suas últimas lágrimas, lamentasse a sua própria destruição. Da ponte, ela própria abandonada, nota-se distante, ereto e solitário, um pé de barriguda. Só ficou ele entre os capinzais. As crianças que buscavam o aconchego de sua sombra foram-se com o rio...

Durante a noite, um vento acolhedor. E haja história de Paracatu. Píadas sobre conhecidos, sobre o vaqueiro que emprenhou a filha do patrão, etc..., etc... Bom mesmo em Paracatu é ficar bebendo, até altas da madrugada, as antárticas magistralmente geladas de Ranulfo. Assim, de passagem, Paracatu é uma cidade onde voltar é sempre ir, se indo na vida, ao lado do tempo.

Até mais, D. Maria...

Nelson Pantoja, jornalista



**Antônio
Cafu
(PT)**

A Fundação Teatro Dulcina está de parabéns. Apesar da falta de recursos, dos problemas constantes enfrentados pelo setor cultural, o Dulcina resiste e participa ativamente da construção da história de Brasília. Erguido no centro nervoso da cidade, além de formar talentos, o Dulcina serve de cenário para grandes manifestações sociais, colaborando para o desenvolvimento de uma consciência crítica e participativa da população. A grande atriz Dulcina de Moraes, mentora da Fundação, também está de parabéns, porque foi ela, com sua insistência e sensibilidade, quem conseguiu tornar possível a Fundação. A população de Brasília agradece.



**César
Lacerda
(PTB)**

A Fundação Cultural do Distrito Federal deveria preocupar-se em promover cursos visando à formação de produtores culturais, tendo em vista ser a falta desses profissionais a maior dificuldade encontrada para a montagem de espetáculos artísticos em Brasília. Esta realidade obriga o artista brasileiro a atuar e a produzir o seu espetáculo, deixando, quase sempre, sua qualidade comprometida. Portanto, é imprescindível o surgimento de novos produtores; caso contrário, teremos de continuar convivendo com o marasmo cultural e com grande parte dos artistas arquivando seus projetos, à espera de Godot.

Literatura e vasetomia cerebral

□ **Ezio Flavio Bazzo**

Se, em sua época, Gertrude Stein acusava de geração perdida uma juventude que lia Freud, Marx e Kropotkin, que podemos dizer nós de nossos adolescentes e até universitários, quando suas pretensões intelectuais parecem não ir além dos textos “banana split” de Paulo Coelho e de outros vivaldinos do esoterismo e da vasetomia cerebral?

Mas, apesar de todas as restrições intelectualóides sobre esse nosso Gurdjieff caipira lusitano, a verdade é que é extremamente difícil escrever sobre sua obra sem inveja, principalmente sabendo que ele encontrou sua espada em Santiago de Compostela, que detém poderes para parar furacões e, ainda por cima, que fatura mais de 50 mil dólares mensais com seus dejetos. Insanidade? Plágio? Oportunismo? Lucidez? Um extraterrestre disfarçado em bundão, que tem a escatológica missão de entupir e congestionar as consciências deste fim de século? De ser, depois do Livro Vermelho de Mao e do Livro Verde de Kadhafi, o tóxico mais consumido, inclusive pelos nossos censores? Seja o que for, não se pode deixar de louvar o estilo *soft* da dialética coeliniana, pois ela caiu como uma luva sobre os buracos negros do caráter populesco nacional.

— Ah, mas ele foi traduzido até mesmo na França! retrucam afobados os leitores.

Verdade. Verdade. E isto é bom! Levanta o astral de uma pátria melancólica, onde os magos e os gogos se acotovellam e se confundem! Que lá, na França de hoje, existam três curandeiros para cada médico e que todos os charlatães do planeta encontrem, junto à população e seus editores, um sofisticado e sólido refúgio, isto é outra coisa. Confesso que me senti bem vendo as pilhas dos livros de nosso gênio nacional na entrada da

maior livraria de Paris. Sim, me fez bem ver o trabalho de um guru brasileiro, amontoado ao lado da biografia de M. Thatcher e de um ensaio de Ana Arendt. O que senti? Algo meo confuso, como se estivesse diante do próprio autor, que, numa posição de lótus, ensinava a cada um dos clientes com levitar até Compostela ou como iluminar-se caminhando pelas encostas frias e desoladas da Galícia. Ou, então, a como conseguir uma espada, ali mesmo, nos mercados sucateados dos bairros árabes. Sim, sim, senti algo cômico e estranho, como se o próprio Petrus quisesse ensinar-me os exercícios da dança. Algo parecido ao que sentia quando me deparava com os travestis brasileiros no Bois de Bologne ou nas festas do George Pompidou. É o que temos! Pensava. Se só sabemos produzir isto, que mal há em fazer disto o que melhor temos?

RAM, RAM, RAM. Um chá de rabo de gato, uma cruz em bronze, um pedaço da verborrécia inquisitória...

Mas se você é jovem, gosta de Rita Lee, Raúl Seixas, Elis Regina, Betânia, etc., respire fundo como manda o mestre e lembre-se de que todos eles cantaram as letras desse homem que “nasceu há dez mil anos atrás”.

RAM, RAM, RAM! Ora, nem só de erudição vive o homem! Deixe-se levar, pelo menos hoje, pela ingenuidade da manada; vamos, não existe risco algum. Como alguém poderia perder-se no meio da turba? Além disso, se você seguir devotamente as orientações, seguramente também poderá, um dia, conquistar sua espada e ser feliz como uma Valquíria. E depois, como escrevia Sartre: “Existir é beber todos os dias sem ter sede”.

Ezio Flavio Bazzo, psicólogo

Você sabia que a Lei nº 218, de 26 de dezembro de 1991, da primeira Legislatura, cria o Conselho do Idoso do Distrito Federal e dispõe sobre a Política de Assistência ao Idoso?
(Leia na página 2)



Você sabia que a Lei nº 217, de 23 de dezembro de 1991, da primeira Legislatura, cria a Escola Pública de Trânsito, tornando-a obrigatória para quem quer obter a Carteira Nacional de Habilitação?
(Leia na página 2)

Compromisso com a História das Leis

Mantendo o compromisso com a História das Leis e com o Poder Legislativo do Distrito Federal, o DF-Leis, nesta primeira edição de 1996, resgata oito leis promulgadas na 1ª Legislatura (1991/1994).

Trata-se de um resumo que oferece aos cidadãos uma visão simplificada das propostas transformadas em leis pela Câmara Legislativa do DF.

Neste número, você vai saber que os servidores da área de segurança pública dispõem de cotas de casas ou lotes semi-urbanizados nos assentamentos e que existem normas que regulamentam a venda da "cola de sapateiro" para evitar que crianças e adolescentes façam uso dela como droga. Leia, você vai obter outras informações importantes.

Lei estabelece cotas de casas e lotes para servidores

Os servidores integrantes da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros Militar, do Departamento de Trânsito e da Polícia Civil, do Distrito Federal, têm direito a cotas de casas ou lotes semi-urbanizados em todos os assentamentos urbanos implantados pelo GDF. É o que estabelece a Lei nº 216, de 23 de dezembro de 1991, de autoria do deputado Fernando Naves, que cria os critérios para essas concessões.

Originada do PL nº 020/91, a Lei pretende oferecer meios mais dignos de moradia aos servidores integrantes dos órgãos de segurança do Distrito Federal. Segundo o autor da proposta, sua iniciativa tem como propósito retirar os servidores públicos da área de segurança das moradias de fundos de quintal, onde as condições de habitação são precárias, e ao mesmo tempo evitar a promiscuidade dos agentes da segurança pública com residentes no mesmo lote, que vivem à margem da Lei.

TRÂNSITO

Motoristas são obrigados a frequentar escola



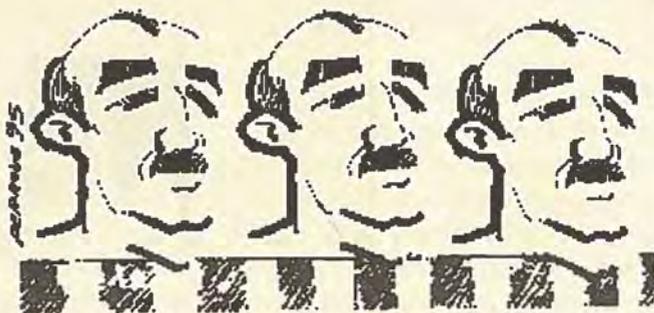
Brasília pode ser considerada uma cidade de primeiro mundo. Entre os muitos serviços oferecidos pelo Poder Público, destaca-se a Escola Pública de Trânsito. A Lei nº 217, de 23 de dezembro de 1991, originada do PL nº 257, do mesmo ano, de autoria do deputado Fernando Naves, foi proposta pela necessidade de reduzirem-se os índices de acidentes de trânsito com vítimas fatais no DF.

A Escola Pública de Trânsito ministra matérias relativas a direção defensiva, a educação para segurança no trânsito e a primeiros socorros, garantindo aos futuros motoristas con-

dições para evitar acidentes e socorrer possíveis vítimas.

A participação dos alunos na Escola Pública de Trânsito é gratuita e é condição fundamental para que os candidatos possam solicitar a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação na jurisdição do Distrito Federal.

IDOSOS



Conselho se propõe a reintegrar idosos na sociedade

A sociedade moderna tende a desprezar seus idosos como objetos descartáveis. Após terem dado tudo de si à família e à coletividade, aqueles homens e mulheres acabam sendo abandonados em asilos ou jogados na rua. É um sistema perverso e destituído de sabedoria, por não valorizar a chamada "terceira idade".

Pensando na situação do idoso, o deputado Jorge Cauhy apresentou, à Câmara Legislativa do DF, o PL nº 115/91 que cria o Conselho do Idoso do Distrito Federal e dispõe sobre a Política de Assistência ao Idoso, posteriormente transformada na Lei nº 218, de 26 de dezembro de 1991.

A criação do Conselho do Idoso visa reintegrar no convívio produtivo seres humanos colocados à margem da sociedade, valorizando e aproveitando suas potencialidades culturais e experiências de vida na educação de nossa juventude.

DESPORTO

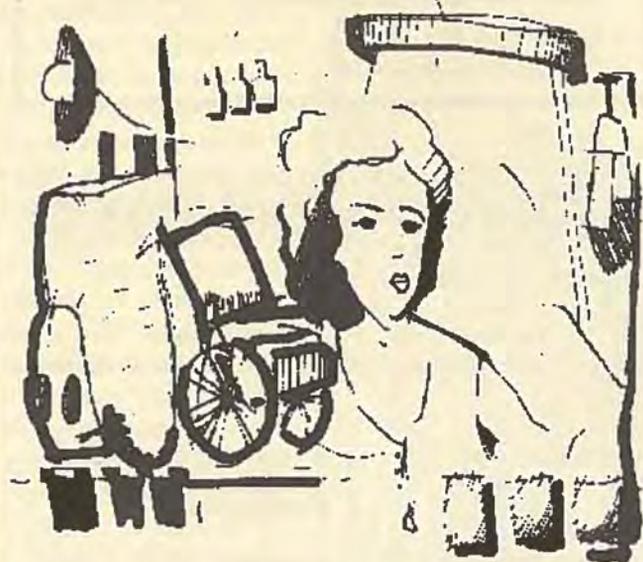
Incentivo quer manter atletas no DF

A Constituição Federal afirma que a prática desportiva é um direito do cidadão e o seu fomento uma obrigação do Estado. Para garantir esse preceito consti-

tucional, o deputado Tadeu Roriz apresentou à Câmara Legislativa o PL nº 096/91, que autoriza o Poder Executivo do DF a conceder benefícios fiscais a atividades desportivas, transformado na Lei nº 225, de 30 de dezembro de 1991.

Segundo o parlamentar, o esporte amador em Brasília nada fica a dever a outros grandes centros, tais como Rio de Janeiro e São Paulo, inclusive exportando atletas para o exterior. Brasília dispõe do maior conjunto olímpico da América Latina, por isso a destinação de 5% (cinco por cento) da arrecadação do ISS, IPTU, IPVA, prevista na Lei servirá de estímulo para que a iniciativa privada dê mais apoio ao esporte do Distrito Federal.

SAÚDE



Ambulâncias modernas podem transportar doentes

Em vários casos de doença a simples remoção do enfermo para um centro de saúde ou mesmo um hospital é um grande complicador. Para resolver esse tipo de problema, o deputado Padre Jonas propôs, e o Executivo sancionou, a Lei nº 219, de 26 de dezembro de 1991, que criou o Sistema de Unidade Móvel de Atendimento Médico-Domiciliar no Distrito Federal.

Vinculado à Secretaria de Saúde, o Sistema é constituído por ambulâncias modernas, com medicamentos e equipamentos de emergência, além de equipe médica especializada e sistema de comunicação adequado.

Originado do PL nº 200/91, a Lei tem como finalidade o pronto atendimento de pessoas com problemas de saúde e de casos de urgência e o transporte delas

para unidades em condições de recebê-las. O Sistema será utilizado basicamente pelas populações de baixa renda e residentes nas regiões afastadas, principalmente na área rural.

DROGAS

Disciplinar o comércio de "cola de sapateiro"

O uso indiscriminado de drogas é hoje um dos maiores problemas da nossa sociedade, principalmente porque atinge um contingente expressivo de crianças e adolescentes, aumentando ainda mais esse grave câncer social. Visando minimizar essa questão, o deputado Peniel Pacheco propôs, e o Executivo sancionou, a Lei nº 226, de 30 de dezembro de 1991, que dispõe sobre o controle da comercialização da "cola de sapateiro" e outros produtos derivados do benzeno, tolueno, xileno, clorofórmio e éter.

O PL nº 194/91, que deu origem à Lei, quer acabar com os malefícios causados ao organismo pela inalação de substâncias chamadas voláteis, dificultando e regulamentando o comércio dessas substâncias, usadas, principalmente, pela clientela jovem.

A Lei objetiva, também, conscientizar a população sobre a situação dramática e penosa em que vivem milhares de crianças e adolescentes nas ruas de nossa cidade.

EDUCAÇÃO

Aulas sobre trânsito nas escolas do DF

A educação começa em casa, mas se consolida na escola. A partir dessa máxima popular, o deputado Padre Jonas resolveu propor à Câmara Legislativa, com o PL nº 176/91, a obrigatoriedade da Educação no Trânsito, como disciplina complementar, nas escolas de 1º e 2º graus.

A Proposta do parlamentar, transformada na Lei nº 230, de 13 de janeiro de 1992, pelo Executivo, determina à Secretaria de Educação do Distrito Federal o estabelecimento das diretrizes básicas e a fiscalização da aplicação da Lei.

A Lei, segundo Jonas, pretende conscientizar as crianças e os adolescentes, desde os primeiros anos, sobre a necessidade de se evitarem os acidentes de trânsito, respeitando as leis e normas e acabando com os milhares de mortes desnecessárias que acontecem todos os anos nas estradas e cidades brasileiras.

Entidades assistenciais obtêm isenções

A Lei nº 227, de 9 de janeiro de 1992, isenta as entidades assistenciais e beneficentes, declaradas de utilidade pública no DF, do pagamento de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e das taxas pelo fornecimento de água e energia elétrica. A proposta, de autoria do deputado Jorge Cauhy, foi originada pelo PL nº 047/91.

Para o parlamentar, ao isentar uma entidade assistencial de uma taxa ou imposto - que representam verbas revertidas para a comunidade - é possível auxiliar um pouco mais, justamente, os componentes carentes da mesma comunidade; e de forma direta, objetiva, contribuir para a finalidade dessas instituições.

Segundo Cauhy, a renúncia de receita com as isenções de IPTU, água e luz por parte do Governo representa um percentual muito pequeno, mas para as entidades assistenciais significa muito na ajuda aos necessitados.

ÍNDICE DAS LEIS

- Lei nº 216/91
Cotas de casas e lotes em assentamentos
- Lei nº 217/91
Escola Pública de Trânsito
- Lei nº 218/91
Conselho do Idoso
- Lei nº 219/91
Sistema móvel de saúde
- Lei nº 225/91
Incentivo ao esporte
- Lei nº 226/91
Comercialização de "cola de sapateiro"
- Lei nº 227/92
Isenta entidades do pagamento de impostos
- Lei nº 230/92
Educação no trânsito

Câmara Legislativa do Distrito Federal

MESA DIRETORA E COMISSÕES TÉCNICAS

Presidente Geraldo Magela - PT	Vice-Presidente José Edmar - PSDB	1º Secretário Manoel de Andrade - PMDB	2º Secretário Edimar Pireneus - PMDB	3º Secretário Peniel Pacheco - Sem partido
Suplentes da Mesa Cláudio Monteiro - PPS	Daniel Marques - PMDB			

I - COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

Presidente
João de Deus - PDT

Vice-Presidente
Renato Rainha - PL

Deputados titulares
Benício Tavares - PMDB
Cláudio Monteiro - PPS
João de Deus - PDT
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PT
Maria José (Maninha) - PT
Renato Rainha - PL

Deputados suplentes
Adão Xavier - Sem Partido
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
Lúcia Carvalho - PT
Manoel de Andrade - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Odilon Aires - PMDB

II - COMISSÃO DE ECONOMIA, ORÇAMENTO E FINANÇAS

Presidente
Tadeu Filippelli - PMDB

Vice-Presidente
Zé Ramalho - PDT

Deputados titulares
Adão Xavier - Sem Partido
Daniel Marques - PMDB
Lúcia Carvalho - PT
Odilon Aires - PMDB
Tadeu Filippelli - PMDB
Wasny de Roure - PT
Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes
Benício Tavares - PMDB
João de Deus - PDT
Jorge Cauhy - PMDB
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PT
Marcos Arruda - PSDB
Maria José (Maninha) - PT

III - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS

Presidente
Marcos Arruda - PSDB

Vice-Presidente
Jorge Cauhy - PMDB

Deputados titulares
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
Jorge Cauhy - PMDB
Marcos Arruda - PSDB
Manoel de Andrade - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Peniel Pacheco - Sem Partido

Deputados suplentes
César Lacerda - PTB
Cláudio Monteiro - PPS
Daniel Marques - PMDB
Tadeu Filippelli - PMDB
Wasny de Roure - PT
Zé Ramalho - PDT

IV - COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

Presidente
César Lacerda - PTB

Vice-Presidente
Luiz Estevão - PMDB

Deputados titulares
Antonio José (Cafu) - PT
César Lacerda - PTB
Lúcia Carvalho - PT
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PT
Tadeu Filippelli - PMDB
Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes
Edimar Pireneus - PMDB
João de Deus - PDT
Jorge Cauhy - PMDB
Maria José (Maninha) - PT
Miquéias Paz - PC do B
Renato Rainha - PL



DF-Leis - Encarte do Suplemento Cultural DF-Letras, editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência. Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Nelson Pantoja (Reg. Prof. 916/06/01-MTB-DF); Editor Executivo: Chico Nóbrega (Reg. Prof. 371/03/55-MTB-DF).

Diagramação: Marcos Lisboa; Ilustrações: Marcelo Perrone, Editoração eletrônica: Opus 108 Comunicação, Revisão: Anamaria Silva Pinheiro e Vânia Codeço Velloso; Redação: 348.8412 - 348.8963. Câmara Legislativa do Distrito Federal - SAIN - Parque Rural - 70086-900 - Brasília-DF.

Até hoje, muitos anos passados, não entendi porque meu pai teve de morrer. Ele fez grande falta ao mundo. Existe tanta plastra por aí, rodando, viva, coisas ruins, que só atrapalham o trânsito.

Meu pai era caldeireiro. Gastava alguns dias para fazer uma cafeteira. Trabalhava toda espécie de metal, latão (folha de flandres), o cobre, o níquel (metal branco), o ferro, o metal amarelo e até o aço.

Meu pai era iogue; e espiritista. Através da ioga, curava o corpo; e pela leitura dos livros de espiritismo, tomava conhecimento das coisas deste mundo e do outro. Quando desencarnou, a impressão que tive e que tenho é que ele simplesmente passou desta para a outra vida, sem nenhum trauma, tal a intimidade que mantinha com o além.

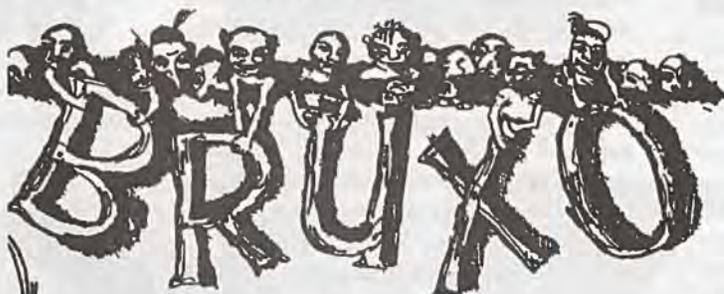
Há cinquenta anos, quando eu tinha a idade de dez e ninguém nem mesmo sonhava com a existência de soja no Brasil, ele um dia chegou para nós - eu e meus irmãos - sopeando alguns grãos de um feijão arredondado e achatado, de cor marrom-cinza, e disse: isto aqui é soja, o alimento do futuro. Plantou aquelas sementes e cuidou delas com esmero e carinho, distribuindo depois as mudas, de graça.

O pai fluidificava a água toda noite; e de manhã nos oferecia; se ninguém quisesse, não obrigava a beber; bebia ele mesmo. Fluidificar significa deixar um copo d'água exposto ao sereno durante a noite inteira; ao colocar a água, rezar algumas preces comuns, Pai-Nosso, Oração de São Francisco etc.; e de manhã, ao retirar a água, repetir as preces.

Um dos livros mais próximos à cabeça de meu pai era o Hata Ioga, do iogue Ramachácará. Recomendava a sua leitura. Nós, jovens, auto-suficientes como os jovens, nem ligávamos: tínhamos todas as respostas.

Eu pensava que ioga fosse mais uma religião no mercado persa das reli-

Recordações de um



□ Alan Viggiano



giões mundiais; só mais tarde, quando não era jovem, e depois de muito apañar da vida, descobri por mim mesmo: ioga é um guia prático de saúde, indispensável para que o homem exerça com simplicidade e naturalidade as funções vitais que a natureza lhe proporcionou.

Meu pai viveu toda sua vida de oitenta e seis anos em contato permanente com a natureza; mas de forma alguma um contato contemplativo, ou estático; ao contrário, uma integração dinâmica e moderna; jamais moderna no sentido de destruir ou modificar; porém com a intenção de aproveitar, tirar dela os benefícios que ela oferece, para desenvolver-se ela própria.

Numa cidadezinha do interior de Minas, como a nossa, meu pai era um dos poucos chefes de família espírita; e também um dos poucos maçons; e embora não tenha sido um rosacruz, tinha conhecimento dos princípios dessa doutrina.

O padre da cidade predicava quase diariamente contra o espiritismo, dizendo ser coisa do demônio; de maçonaria e rosacruz, nem ousava falar, com medo de ser chamuscado pelo fogo do inferno; e recomendava aos católicos que, ao passar em frente às casas dos espíritas, mudassem para o outro lado do meio-fio e se persignassem três vezes. Pai achava aquilo muito engraçado.

Quando, aos sete anos, entrei para o grupo escolar - já sabia ler e escrever, não podia ser de outra forma, vivendo dentro da mesma casa com meu pai - a professora, muito católica, resolveu fazer uma enquete para saber qual a religião dos pais dos alunos. Eu era o único da classe que tinha pais espíritas.

Quando o declarei perante todos os demais, a professora escandalizou-se

**Zé
Ramalho
(PDT)**



A Fundação Teatro Dulcina está longe de ser somente uma casa de espetáculos. Ela é parte viva do patrimônio histórico e cultural de Brasília. Foi de lá que vieram as primeiras manifestações artísticas tipicamente brasilienses, algumas delas exportadas com sucesso para outros Estados. É inadmissível que a Faculdade Dulcina, que no seu auge já chegou a ter 1.200 alunos, hoje conte com apenas 320 e ainda corra o risco de fechar suas portas. Recuperar a Fundação Teatro Dulcina é, antes de tudo, resgatar nossa própria identidade. Salvem o Dulcina!

**Edimar
Pireneus
(PMDB)**



A instalação, em Brasília, do teatro Dulcina, foi um dos passos mais importantes para o desenvolvimento da cultura local. Oficina da criatividade, o teatro, que tem sobrevivido com dificuldades, graças à tenacidade e ao idealismo de seus fundadores e dos batalhadores representantes da cultura local, tem contribuído, de forma indiscutível, para a revelação dos novos talentos e para a consolidação de um projeto cultural para o DF. O Dulcina é uma força viva da nossa cultura e merece, por isso, o reconhecimento e o apoio permanente de toda a sociedade.

e decretou que eu devia me preparar imediatamente para fazer a primeira comunhão. Chegando em casa naquele dia, contei o acontecido; o pai achou muito engraçado e começou ele próprio os preparativos para aquele ato religioso.

Estes eram os traços surpreendentes da sua personalidade: tolerância, simplicidade e nenhuma dose de maniqueísmo. Praticava a religião dele, não obrigava ninguém a segui-lo e até colaborava com as outras religiões.

Isso não queria dizer que ele fosse indene à influência do sistema medieval de vida prevalente em nossa cidade. Certa vez, ele me deu um tapa na cara só porque eu estava bebendo um guaraná pelo bico da garrafa. Posso afirmar que o bofetão doeu mais em seu espírito do que no meu rosto. Até hoje, quase meio século passado, ainda tenho escrúpulos em beber no bico de garrafas.

Meu pai era um verdadeiro bruxo - e nesse particular o padre tinha certa razão. Além de ler tudo que conseguia sobre magia, alquimia, religiões, ele praticava muitas dessas fórmulas para dar andamento à sua profissão de caldeireiro. Conhecia os segredos da fundição e da solda em todas as suas modalidades e os praticava na medida em que necessitava para fabricar objetos simples de uso no cotidiano das famílias: cafeteiras, canecas, panelas, tachos, almofarizes, pilões, alambiques, candieiros, almotolias, lamparinas e arreatas para ajazejar os cavalos e mulas preferidos dos tropeiros (esses objetos mais me fascinavam); conhecia a filosofia Vedanta, de Swami Vivekananda, e utilizava o Ritual de Magia Divina, livro que ensina o uso das preces para finalidades práticas, econômicas e de saúde.

Como trabalhei com meu pai até os treze anos de idade — quando fui para a cidade maior estudar no ginásio —, conheço rudimentarmente todas essas técnicas; canhestramente, devido à falta de prática, posso transformar uma lâmina de cobre fino em uma caneca, sem usar nada além do cobre; meu pai o fazia com tal perfeição que o objeto não deixava vaziar

sequecer um pingo d'água. Nem era magia, mas simples técnica artesanal.

Transformar um disco de cobre em um tacho é questão de tempo e mais alguma sofisticação, pois as asas do tacho são feitas de arame grosso e precisam ser afixadas ao objeto através de arrebites; além do mais, existe a dobra da borda do tacho, que também leva arame por dentro.

Até hoje ainda existem, em casas antigas da minha cidade, cafeteiras feitas por meu pai; obras de arte, requintes de famílias ricas, que a nossa não podia alimentar a pretensão de possuir. Aqui se configura o anexam vestu: casa do ferreiro, espeto de pau.

As cafeteiras eram cilíndricas, feitas de metal amarelo, com duas cintas de metal branco; no pé, uma sapata também de metal branco, em forma trapezoidal; o bico em forma triangular, afinando no rumo da ponta e tendo ainda uma tampa que se abria automaticamente com o movimento de entornar o líquido, pois era provida de uma dobradiça; o cabo era feito de madeira torneada, presa ao corpo da cafeteira por cintas de níquel, chamado metal branco.

Meu pai cortava e modelava peça por peça e banhava todas elas com estanho derretido na parte que ia ficar do lado de dentro da cafeteira. As peças eram afixadas entre si através da soldagem a frio ou a quente — ou também por debrum tipo macho-fêmea —, conforme a necessidade ou a conveniência.

Quando paro para pensar no tumulto da vida de hoje, minha tendência é reformular os conceitos emitidos no primeiro parágrafo. O lugar do meu pai não é este mundo, mas uma outra galáxia, de preferência bem distante. Aqui não existe lugar para cafeteiras de metal ou tachos de cobre tão bonitos e delicados. Um dia quero estar lá com ele. Que não seja, porém, muito breve.

Alan Viggiano, escritor e professor

Publicado in Cronistas de Brasília, André Quicé - Editor, 1995





**Marcos
Arruda
(PSDB)**

Desde o início da década de 50, o Teatro Dulcina tem levado à população do Rio de Janeiro e mais tarde à de Brasília entretenimento e cultura. Por intermédio de Dulcina de Moraes e seu marido, Odilon de Azevedo, Brasília foi premiada, em 1978, com nova sede dessa casa de cultura, que facilitou o acesso de pessoas de origem humilde à carreira de ator, e fez com que o DF tivesse peças de teatro mais corriqueiramente. Por tudo isso, homenageio a grande brasileira Dulcina de Moraes e o seu frutuoso trabalho.



**Marco
Lima
(PT)**

A Faculdade Dulcina merece um tratamento especial. Situada bem no coração da cidade, no SDS, a escola tornou-se uma referência cultural e popular. Seus espaços estão abertos a todos, além de seus alunos. As crianças vivem indo ao Teatro Dulcina assistirem a espetáculos dirigidos à infância. Em janeiro, no anexo do Dulcina, um debate sobre "Comunicação, Religião e Cidadania" aglutinou mais de 300 pessoas para ouvir jornalistas, pastores, padres e pesquisadores. Em março, outro evento lotou o Teatro Dulcina. Foi o "Tribunal Popular Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes". De lá saem ações que podem levar ao banco dos réus os responsáveis pela miséria, fome e prostituição infantil no DF e no País.

O Romantismo é a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem.

Com essas palavras, o escritor português Eça de Queiroz definiu, em conferência proferida em 1871, no Cassino Lisbonense, um novo estilo literário – o Realismo que surgia na Europa na segunda metade do século XIX.

Influenciado por um conjunto de doutrinas científicas e filosóficas que englobava o positivismo de Augusto Comte, o evolucionismo de Darwin, o materialismo psicológico de Wundt e o determinismo de Taine, o Realismo procurou compreender e explicar a realidade através da observação e análise dos fatos.

Pretendendo mostrar essa nova visão de mundo, as prosas realista-naturalistas⁽¹⁾ refletem a preocupação de seus autores com uma verdade não apenas verossímil, mas exata, capaz de reproduzir uma realidade materialmente verdadeira.

Tal postura daria aos escritores uma visão mecanicista do mundo, apegada ao pensamento naturalista e à idéia de que a ciência tudo podia explicar.

Incorporando as idéias divulgadas pelos homens da ciência, os ficcionistas passaram a desenvolver um gosto pelas tendências objetivas, em oposição ao subjetivismo dos escritores românticos.

Analisando a vida com objetividade e reconhecendo ser ela portadora de um equilíbrio e harmonia provenientes de uma visão organicista da realidade, o escritor realista pretende não interferir na caracterização dos tipos que cria ou recria, no sentido de que ele evita confundir seus próprios sentimentos com os de seus personagens. Frutos da observação de seres reais, esses personagens são tipos concretos, vivos. Sob esse aspecto, o herói realista, parte integrante do organismo cósmico, é movido por ancestrais e/ou sociais, que determinam seu comportamento.

A partir de 1860, as idéias renovadoras do Realismo e do Naturalismo chegaram ao Brasil, propagando-se entre a intelectualidade nacional. Incorporando em seus textos a defesa de teses e opi-



niões propostas pelas novas tendências estéticas, os escritores nacionais passaram a tematizar em suas obras as opções ideológicas do homem culto brasileiro: a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Surgem romances como *O Mulato* e *O Cortiço*, de autoria de Aluísio de Azevedo, escritor naturalista.

Considerada como marco da prosa naturalista no Brasil, a obra de Aluísio de Azevedo, juntamente com a de Inglês de Souza e a de Adolfo Caminha, reflete o temperamento objetivo e inclinado ao exame dos fatos, herdado do naturalismo europeu.

Contemporânea dessa produção literária, começa a ser publicada a obra de Machado de Assis, apontada pela crítica como "o ponto de maior equilíbrio da prosa realista brasileira".

Nascido em 1839, no Rio de Janeiro, Machado de Assis viveu quase toda sua vida na cidade que, sede do Império, assistiria 60 anos depois à Abolição da Escravatura e à Proclamação da República. Palco dos principais acontecimentos políticos e culturais do país, o Rio de Janeiro de Machado contrastava ares de metrópole com hábitos interioranos. Modernizada apenas no essencial para que a corte portuguesa não ficasse privada do conforto europeu, a cidade apresentava, em sua maior parte, ruas sombrias e sujas, onde proliferava a febre amarela. Nos salões, o imperador recebia seus súditos para o beija-mão, em meio a homens vestidos de fraque, colete e chapéu

alto, traje diretamente inspirado na elegância sóbria da Inglaterra vitoriana. Encontrando-se no teatro, na ópera e nas confeitarias elegantes em que se declamava Bilac ao som do piano, a alta sociedade brasileira discutia e opinava sobre as mudanças políticas e culturais que estavam ocorrendo no país.

Homem de seu tempo, Machado de Assis acompanhou e viveu os contrastes e inovações de sua época, retratando em sua obra o contexto nacional e a inquietação social do período.

Constituída de crônicas, textos críticos, contos, romances, poesias e teatro, a obra de Machado é dividida pela crítica em duas fases⁽²⁾:

1) Fase pseudo-romântica em que a idealização dos fatos, das personagens é substituída pela observação de costumes, abrindo uma frente de pesquisa da ideologia vigente. Machado percebe com clareza, nesse período, a distância entre o natural e o social,

rastreado a organização ideológica da sociedade do Império. Já aparece aqui uma postura analítica, de fundo realista pela denúncia da relação de favor que Machado faz, quando analisa as reações e o caráter das personagens entre si e o meio. A fixidez psicológica das personagens é rompida e o enredo do individualismo é deslocado para o grupo social e suas relações internas e externas.

2) Fase em que a experimentação formal é a base que sustenta o modo peculiar de captar a mobilidade e fluidez do social e dos pontos de vista das personagens. Nas obras dessa fase, o narrador transita entre os membros das classes dominantes com as armas da ironia e do humor, que desnudam o poder, enfatizando sua condição ilusória e passageira.

Recurso estilístico largamente utilizado por Machado, a ironia auxilia



o autor a mostrar que a aparência da realidade é uma, e as intenções que a constroem são outras, bem diferentes.

Para Machado de Assis existe sempre nos indivíduos uma intenção suposta e um objetivo real. Da dualidade aparência/essência é que surgem os fatos. Essa relativização dos fatos se estende à verdade do texto, subordinada sempre a um ponto de vista e, portanto, sempre determinada pelos interesses em jogo.

Tendo como principais elementos de sua reflexão cotidiana a mesquinhhez humana e a sorte precária do indivíduo, a obra machadiana reflete uma concepção de vida amarga (...) *como a de um pessimista de condição e de temperamento, mas retida na sua expansão por um meticuloso escrúpulo de direção e medida* (...).⁽³⁾

O romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicado em

1900, pertence à segunda fase da obra do escritor, inserindo-se na estética realista vigente naquele momento.

Machado de Assis foi acusado por alguns críticos de se afastar da realidade nacional, tematizando um universo de cor local. Essa crítica se orienta por um nacionalismo estreito, vinculado ao Romantismo Nacionalista. Este, num dado momento político, logo após a Proclamação da Independência (1822) tomou para si a tarefa de engrandecer e exaltar a nação recém-instaurada, formalizando através da literatura (Gonçalves Dias, José de Alencar) um conjunto de obras que enaltecem a pátria. Aí, faz-se a apologia do índio, da natureza, da fala e dos costumes locais. Machado de Assis, distanciando-se dessa linha apologética, passa a ser considerado um escritor não engajado politicamente em prol da construção de um senti-

**Wasny de
Roure
(PT)**



Em tempos de descaracterização dos costumes dos povos, da padronização globalizada da estética e das idéias, o complexo Fundação Brasileira de Teatro – Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – Teatro Dulcina é, talvez, o maior símbolo de resistência da cultura nacional representado pelo sonho de uma mulher fantástica. Dulcina de Moraes foi, sem dúvida, uma das maiores atrizes que o Brasil conheceu. Preservar e, mais que isso, revitalizar o espaço Dulcina de Moraes é fundamental. É garantir que, no futuro, os brasileiros ainda saibam de sua gente e de suas origens.

**Peniel
Pacheco
(Sem Partido)**



Cultura é o somatório dos valores de um povo e, para promovê-la, é preciso garantir a liberdade de expressão e o respeito a todos os matizes culturais. O Teatro Dulcina é o baluarte de Brasília na defesa da liberdade de expressão. Parabéns ao Teatro Dulcina por defender a liberdade de expressão e pelo exemplo de que é possível produzir cultura em todos os tempos garantindo a participação de todos os segmentos da sociedade.

mento patriótico. Porém, percebemos que essa crítica é impropriedade, pois na obra machadiana, incluindo *Dom Casmurro*, além da tematização de questões universais que extrapolam os limites espaço-temporais (amor, hipocrisia, traição), há a presença de situações sócio-históricas do Brasil oitocentista. O escritor, valendo-se do humor cético e irônico, critica várias instituições sociais do Rio de Janeiro do século XIX. Nesse sentido, podemos contextualizá-lo dentro de uma infraestrutura mental realista, que denuncia e satiriza os valores burgueses, afastando-se da cosmovisão romântico-nacionalista.

Em *Dom Casmurro* a vocação sacerdotal é colocada em xeque visto que a entrada para o universo clerical se revela como mais um caminho de ascensão sócio-política. Vale lembrar que naquele momento em que se passa a história do romance, a igreja católica exercia um poder significativo. O próprio José Dias lembra a família de Bentinho para esse fato: “Bem, uma vez que não perdeu a idéia de o fazer padre, tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe. E depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o Império!...”⁽⁴⁾ O “status” social atingido com a posição de bispo ou protonotário apostólico é mais importante que a missão de evangelizar, desprovida de interesses materiais.

O universo da escola é também tematizado criticamente. O acesso ao saber não objetiva uma maior competência profissional, visando à construção de uma sociedade melhor para todos, mas tão-somente uma reafirmação do “status” social do indivíduo. Bentinho, munido do diploma de advogado, reflete a figura do bacharel que no Brasil oitocentista gozava de um amplo prestígio social. O valor do título supera o valor do profissional à medida que naquele momento a situação econômico-social do país ainda não absorvia os profissionais liberais.

Apresenta-se também, no romance, o perfil econômico-social da sociedade carioca, revelando um país escravocrata, agrário, sem uma classe de trabalhadores e consumidores de bens, como existia na Europa industrial do século XIX. O indivíduo que não era escravo ou não possuísse bens materiais não tinha função social, revelando-se como uma espécie de lumpemproletariado. Essa situação pode ser exemplificada a partir da personagem José Dias, que vive de favor, pagando-o com elogios e bajulação. O elemento feminino também aí se enquadra à medida que dentro de uma sociedade patriarcal só se mantém via casamento com indivíduo de posses, como é o caso da personagem Capitu.

A partir dessas situações locais formalizadas, o escritor tematiza as relações de poder, universais e permanentes. As personagens investem seu tempo, fala e ações para atingir ascensão sócio-econômico ou garantir e reafirmar um certo “status quo”. Organizam seus destinos, fazem-se senhores de sua própria história, distanciando-se de uma postura despreocupada perante a existência. A visão de Machado sobre o homem difere radicalmente da concepção de Paulo Leminski quando este declara que “distraídos venceremos”. Para Machado vale: “Armados venceremos”.

Essa formalização das personagens possuidoras de livre arbítrio em Machado de Assis afasta-o da visão determinista (biológico-social) que embasa

a estética naturalista reinante na época em que Machado de Assis publicava e escrevia. A personagem Capitu, por exemplo, é dada pela ótica da volição porque age por vontade própria. Dentro dos moldes naturalistas as personagens são condicionadas pelo meio, momento e raça, como é o caso dos romances naturalistas (Aluisio de Azevedo, Adolfo Caminha, Inglês de Souza, entre outros). Aí, o personagem desprovido de razão deixa-se dominar pelos instintos naturais. Na luta do ser social com o biológico, vence este último, porém, em *Dom Casmurro*, percebemos em algumas passa-



gens que o determinismo sócio-biológico interfere no comportamento das personagens.

Há uma predeterminação social para o comportamento falso e hipócrita de Capitu (meio familiar), e biológica, visto que a personagem é demonstrada como imutável, apresentando os mesmos hábitos desde menina. Porém, vemos que essa visão de Capitu é dada por Bentinho, e não por um narrador em terceira pessoa, isento, defendendo uma tese determinista. Bentinho, tentando comprovar a culpabilidade de Capitu, afirma-lhe a maldade intrínseca quando, no final do romance coloca: "Hás de lembrar que uma estava dentro da outra, como o fruto dentro da casca". Assim, essa apresentação de Capitu é questionável porque dada a partir de seu companheiro, interessado em incriminá-la. Machado afasta-se dos autores naturalistas ao criar um narrador protagonista que dá uma versão dos fatos e não a versão absoluta sobre eles.

O relativismo da verdade prova em *Dom Casmurro* que as palavras inventam uma realidade possível. É pela

ótica e fala de Bentinho que temos acesso aos fatos. A fábula que nos conta o narrador é simples: Bentinho, órfão de pai, criado pela mãe, D. Glória, é destinado à vida sacerdotal, mas apaixona-se pela vizinha, Capitu. Bentinho consegue escapar do sacerdócio, forma-se em advocacia e casa-se com Capitu. Passa a ter ciúmes da esposa. Nasce-lhe um filho, Ezequiel, bastante parecido fisicamente com Escobar, seu amigo de seminário e profissão. Escobar e Ezequiel morrem. Bentinho separa-se da esposa. Esta falece na Suíça.

O romance, em síntese, conta a história banal de um possível adultério. O mais importante não é a fábula, mas sim a trama, ou seja, como se constrói a narrativa, sobretudo como o discurso de Bentinho, querendo comprovar o adultério, gera dúvidas sobre a infidelidade de Capitu.

A personagem que narra o romance, distanciado temporalmente dos fatos, é triste, casmurro, e por este motivo o tom do discurso é melancólico.

O humor não é festivo, alegre, e sim irônico, corrosivo, trágico.

Bentinho, advogado, atua como promotor de Escobar e Capitu, acusando-os de adultério. Ambos não se defendem porque a eles não é dado o direito de defesa (a palavra lhes é vedada). O narrador opera cortes nos fatos, destacando apenas situações que corroboram para incriminar o amigo e a companheira. Bentinho se vale das avaliações de outros personagens para construir uma idéia negativa de ambos. É José Dias quem atenta para os olhos de Capitu, mostrados como *obliquos e dissimulados*, e é prima Justina que lhe nota o comportamento leviano e bajulador. Escobar, por sua vez, é mostrado como pragmático e interessado nos bens materiais de D. Glória. Mais uma vez é prima Justina quem nota *seus olhos de policial metedido*. Assim procedendo, Bentinho tenta se convencer e ao seu interlocutor de que o maucaratismo de seus companheiros era percebido não só por ele, mas por outros. Aos olhos dissimulados de Capitu correspondem as mãos e os olhos fugidios de Escobar, índices de falsidade. Capitu demonstra paixão



pelo poder, revelando profunda admiração pela pintura do imperador César na casa de Matacalvas, outro índice de prestígio e sucesso sociais. Bentinho captura a ambos (Capitu e Escobar) em situações comprometedoras como, por exemplo, a ida de Escobar a sua casa quando de sua ausência e os olhos de ressaca de Capitu quando da morte do amigo. Revela a semelhança física entre o seu filho Ezequiel e Escobar. Porém, na história, o próprio narrador neutraliza essa última prova ao revelar a aparência física de Capitu com a mãe de Sancha. Nesse sentido a semelhança passa a ser obra do acaso, não implicando relações de parentesco.

Apesar do esforço de Bentinho para se inocentar de qualquer culpa, notamos atos cruéis e comprometedores em seu comportamento. Primeiro, deseja a morte da mãe, criatura a quem ama. ("Mamãe defunta, acaba o seminário"). Em outra ocasião mostra-se indiferente e desumano com seu vizinho Manduca. Revela, também, seu flerte e interesse por Sancha, esposa de seu melhor amigo. Posteriormente tenta envenenar seu filho Ezequiel e mostra-se frio por ocasião de sua morte no Egito. Outra faceta



Maria José (Maninha) (PT)



Brasília precisa passar de importador cultural para exportador de cultura. Nós temos as condições básicas para isso: espaço e, principalmente, material humano, além da diversidade cultural. Não podemos esperar, entretanto, que as iniciativas partam do governo. O empresariado precisa investir em seus artistas assim como alguns investiram em atletas como Carmem de Oliveira. A parceria governo – empresariado pode resultar em grandes eventos que não só ampliem o intercâmbio cultural, mas que valorizem a cultura que existe nas ruas, nos colégios, nas repartições públicas, nos bares e nas “esquinas” de Brasília.

Cláudio Monteiro (PPS)



A Faculdade de Artes Dulcina de Moraes sempre prestou grande serviço à cultura e à educação no Distrito Federal. Formou mais de dois mil profissionais das artes cênicas e plásticas. Muitos deles são hoje professores da FEDF. Dulcina de Moraes, grande atriz brasileira e idealizadora da Fundação Brasileira de Teatro, tornou possível o sonho de valorização da cultura no Brasil. Este sonho hoje se vê ameaçado por problemas financeiros. Precisamos salvar a Faculdade Dulcina. Desta forma estaremos prestando um grande serviço à difusão da cultura no DF, além de garantir mais uma oportunidade de qualificação profissional daqueles que aqui moram.

negativa de seu caráter e que provoca dúvidas sobre os fundamentos de seu ciúme por Capitu revela-se quando afirma que sentia ciúmes de tudo e de todos, apresentando-se como um indivíduo problemático e paranóico. Isso se afirma quando aproxima a sua situação da de Otelo, citando Iago, trazendo para seu texto a tragédia *Otelo*, de Shakespeare, que gira em torno de ciúmes infundados.

Pelo analisado anteriormente, concluímos que Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, trata de questões nacionais, abrangendo também temas universais. A obra machadiana ocupa

um lugar à parte nas letras nacionais, recusando a estética romântica nacionalista, afastando-se dos romances de tese naturalista e evitando tratar o real através de um realismo de bitola estreita. Dá uma

visão da existência na medida do humano, apresentando o mundo a partir da ironia e do relativismo, elementos fundamentais da cosmovisão machadiana que nos impedem de afirmar, em *Dom Casmurro*, a culpabilidade do elemento feminino (Capitu). Permanecemos nós, após várias leituras do romance, inaptos para incriminá-la ou absolvê-la, confirmando uma vez mais que *Dom Casmurro* é o discurso da dúvida e da certeza.



Angela Maria Rubel Fanini e Selma Suely Teixeira, mestres em Literatura Brasileira pela UFPR e professoras de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do CEFET/PR.

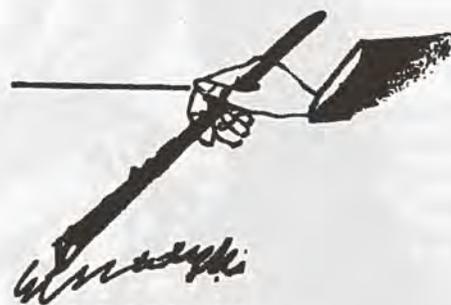
Notas das autoras

¹ Considerando que a mesma infraestrutura racionalista, materialista e cientificista subjaz ao Realismo e ao Naturalismo, decidimos não analisar as diferenças existentes entre esses movimentos, mas sim entendê-las como manifestações estéticas similares, contemporâneas e fundamentadas em um mesmo espírito filosófico.

² Sobre esse assunto ver LAJOLO, Marisa e VASCONCELOS, Gilberto F. *Realismo no Brasil*, In: CURSO Abril Vestibular, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 1289s; CORÇÃO, Gustavo, *Apresentação*. In: (org.).

Machado de Assis: romance. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1974, p. 5-19; e FACIOLI, Valentim. *Várias histórias para um homem célebre* (Biografia intelectual), In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*, São Paulo: Ática, 1982, p. 5-59.

³ VERÍSSIMO, José. *Machado de Assis*. In: *Estudos de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte: Itatiaia / São Pau-



lo: EdUSP, 1977, p. 104.

⁴ ASSIS, Machado de: *Dom Casmurro*, 20 ed. São Paulo: Ática, 1989 (p. 50). As citações referentes a esta obra feitas no decorrer do texto serão acompanhadas das respectivas páginas.

Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
GLEDSON, John. *Machado de Assis: imposição e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

□ Miguel J. Malty

Juro que não me convence, lendo a República, alvejar Platão os poetas e a própria Poesia, atribuindo àqueles fuga de verdade, em razão de serem possuídos pelos espíritos, fazendo-se “criadores de fantasmas”, e à Poesia, mero mimetismo, fundamentado no fato de que as idéias realizadas são meras cópias das próprias idéias por outros materializadas. (“Nihil novi sub solo”, já dissera o mais sábio dos homens, o rei Salomão, meio milênio antes).



A Poesia e os Poetas

Seriam mesmo os poetas do tempo do filósofo meros “eidólou poietés”, manipuladores de feticismo e que nada de evidente na época tinham com os interesses e os destinos da Sociedade? Seria o soberbo filósofo um despeitado em face dos poetas e da Poesia, representada pelas Camenas, fossem Calíope ou Políminia? O criador do *Academos* seria mais um pedagogo do estudo da análise racional-dialética do que mestre autêntico do ensino sensitivo oral, praticado pelos vates ou mesmo menestréis? “Qui lo sá!” A verdade é que Platão os sinetou e baniu da sua decantada República, a sociedade

perfeita, num país imaginário que, como diz Henri Thomas, foi a primeira utopia da História.

Teria tido o pensador de Atenas contato com os escritos de Job, Davi e Salomão, pelo menos, poetas de corpo e alma que positivaram, de maneira cristalina, a autenticidade de idéias, e idéias escatológicas, apocalípticas, em versos rutilantes, dignos dos mais refinados aedos, como seriam Homero e Píndaro?

Antes que os festejados poetas dos centros civilizados do mundo antigo houvessem cantado seus versos; antes que os poetas da Jônia alçassem suas

P
L
A
T
~
A
O

Daniel Marques
(PMDB)



A difícil situação do Teatro Dulcina e da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes é mais um retrato do lamentável abandono a que são relegadas a arte e a cultura no Distrito

Federal e no país. Todos conhecem a batalha incansável dessa guerreira do teatro.

Dulcina de Moraes sempre será exemplo de luta em favor da valorização do teatro e da cultura no Brasil. Ela escolheu Brasília para realizar o sonho de erguer um teatro e uma escola dedicada à arte.

Deixar esse sonho morrer é erro grave. Erro dos organismos governamentais e de toda a sociedade.

Odilon Aires
(PMDB)



O movimento teatral de Brasília pode ser dividido em duas fases distintas. Na primeira, viveu um grande dilema: enquanto tentava escapar da ferrenha censura implantada pelo regime militar, era espremido pela falta de espaço para apresentar seus trabalhos, vivendo mais de favores dos gabinetes do Palácio do Buriti e da Polícia Federal. A segunda foi a vinda da Fundação Teatro Dulcina. Além de fortalecer o movimento, trouxe novas perspectivas. Brasília explodiu e teve o seu primeiro trabalho profissional com autores da cidade: "Gota D'Água", de Chico Buarque. Foi o início da maturidade cultural da cidade.

vozes, um midianita cantou estrofes que as mais elevadas criações do gênio humano não igualam, tal a sua majestade. O livro de Job, pode-se asseverar, é o mais antigo poema registrado que o mundo conhece. "Onde está o caminho da morada da luz?"

Quem não exalta o capítulo 23 do saltério do rei Davi? O famoso Salmo do Pastor? Os poetas gregos Aratus e Cleantes deixaram a significativa quão transcendental assertiva: "Nós somos de estirpe divina", querendo significar que os espíritos, as almas privilegiadas, eram filhos dos deuses... Não primaram todos esses pela Sociedade e o Bem, e da Cultura não foram apologistas, visando ao soerguimento da raça?

Nas suas andanças pelo Egito, aonde foi colher o mel da autêntica sabedoria, não teria logrado Platão conhecimento do Hino de Akenaten, o faraó monoteísta, cântico que muito se assemelha ao salmo 104 do saltério judaico, que pretendem alguns estudiosos seja todo baseado na poesia egípcia?

Afirmam historiadores que Platão, dotado do dom da oratória, usava expressões poéticas, e Túlio diz: "Se os deuses quisessem falar a linguagem dos homens, empregariam a de Platão". Ora, por que investia o discípulo de Heráclito e seguidor de Sócrates contra os poetas e a Poesia? Valiam-lhe só a Geometria e a Matemática, ele que aliou a Filosofia à Religião? Ele que se embrenhou em especulações metafísicas e admitia a existência de Deus como causa primeira não causada? Que diremos da teodicéia do genial pensador da Hélade, nos seus ardentes anseios do celeste Eros? Não é, porventura, Deus o Poeta Maior (Poietés), o genuíno Criador? Valiam-lhe só a "gnosis" como parâmetro do "ethos", expondo-se à

posição de exagerado personalista? Teria ficado o laureado filósofo da antiga Jônia sob o pátio de um falso intelectualismo helênico, causador de uma perigosa hipertrofia da própria personalidade?

Afinal, contra que classe de poetas e contra que realidade de poesia investiu o iluminado filósofo da Ática?

A verdade é que o próprio Aristóteles via-se, às vezes, incapaz de compreender o misticismo de Platão. Inegável é que as doutrinas políticas e sociais do glorificado filósofo estenderam-se não só além de sua época, mas alcançaram o nosso tempo e vão além... Os seus ditados nos arrebatam para problemas que dizem respeito a uma única razão do seu pensar: seu anseio forte e consciente de ver na Terra reinar a Justiça. Mesmo assim o festejado filósofo grego, "com todo o seu saber, não igualou os chineses, os hindus e os profetas hebraicos, em sua visão". (Henri Thomas).

Foi, porém, Platão, o sacerdote da Beleza. Uma vida de justiça, uma vida de amor, uma vida de beleza! Eis a síntese da filosofia platônica, que ainda nos empolga. Mas Dionísio, em face do radicalismo do filósofo, vendeu-o como escravo. Resgatado por seus discípulos, voltou para Atenas onde, com 81 anos de idade, numa festa bulhenta, morreu.

Parafrazeando Sócrates, a quem o oráculo de Delfos proclamou o mais sábio dos gregos, digo: "Amicus Plato sed magis amicas... Poiesis!"

Miguel J. Mally, jornalista e escritor



Chechênia, Eslovênia, quem Quênia. O mundo é uma Bósnia. Olho à minha volta, *mélancolie*. Eles querem a Guerra, com G maiúsculo, eles querem. A TV a cabo me conecta com o mundo. Documentários sobre o renascimento do nazismo, na Alemanha, e matérias diversas sobre o espancamento de mulheres. Em toda parte do planeta, mulheres espancadas, humilhadas, mutiladas. Até mesmo no Canadá. Por lá existem regiões onde o "costume" é violentar jovencinhas em flor. O divertimento da moçada é descobrir quem é virgem, ir lá e "traçar" o pretensioso cabaço da donzela, na base do "no peito e na raça". E assim o Canadá, pelo qual sempre nutri franca simpatia, ajuda-me a ficar um pouco mais triste neste dia. Já de madrugada, aproveito a chance na TV para rever um dos filmes mais lindos, embora de um humor dramático, e que sobressai da banal enxurrada cinematográfica norte-americana: *Midnight Cowboy*, dirigido por John Schlesinger, que traz Jon Voight e Dustin Hoffman em desempenhos inesquecíveis.

Após o filme, surpreendi-me pensando em Néelson Rodrigues. A grande questão em Néelson sempre me pareceu relacionada com a pureza, enquanto valor. Constatar o impuro na essência do humano, creio, causava-lhe um certo horror. Sem dúvida, é triste reconhecer o lado escuro de si mesmo. O lado escuro produz a Bósnia toda. O lado escuro destrói, transforma tudo naqueles campos condenados da Rússia, que inspiraram o poema lindo do Jorge Domingos, *Blue Eyes Balada*, sobre Sacha Mikalchenco, de três anos, que nasceu em Chernobyl, "de olhos azuis / da cor de Mar Despoluído", mas sem o braço direito. Paradoxo: o horror que inspira o belo.

Voltando às questões penumbrosas, quando falo agora do lado escuro, já não me refiro ao meu (tenho nada com a violência do mundo ou tenho?), mas do lado escuro dos que ficam fazendo testes com bombas e espancando mulheres. Chirac, Chirac, Chirac, lembrei-me de você. E a língua francesa é tão bela. Não estrague a poesia, Chirac. Vá dormir, esfrie a cabeça, esqueça essa história de teste nuclear, permita sonhos no seu quatinho escuro. A gente não conta para ninguém, prometo!

Ah, vontade de ler um livro, de receber uma mensagem do Cardias, de escrever para o Jack uma daquelas cartas longas e repletas das maluquices de que ele gosta. Vontade de pegar o telefone e falar com o Urhacy. Vontade, como do

Crônica de um dia triste

RICARDO ALFAYA

Teresinka, de conhecer a Ilma Fontes. Vontade de dormir e o sono não vem. Vontade de escrever um poema, não vem também. Ando de um lado para outro, está tudo encaixotado para mudança. Onde, meus livros? Eu sou ninguém sem meus livros. E como vou fazer poemas visuais com o computador desligado e o material de desenho de Amelinda empacotado? Penso num visual para enviar ao Hugo Pontes: *Coquetel Molotov*, título. Corpo: um copo efervescente composto de siglas e nomes de empresas multinacionais. Inclino o copo ou deixo reto, em primeiro plano? Poderia completá-lo à Avelino, pondo uma criança brasileira, com cara de subnutrida, bebendo da "poção".

Curiosamente, penso que se esta crônica, por um descuido do destino (e somente assim coisa dessas aconteceria), saísse num *O Globo* da vida, ninguém entenderia. Faltaria contexto, somos todos estatisticamente irrelevantes, a despeito de fazermos (ou talvez porque façamos) hoje o trabalho literário, verdadeiramente vivo, significativo neste País. Tal como Newman Sucupira, estamos todos escrevendo para não mais de meia dúzia, se tanto. Sim, perfeito o título do jornal de Thiago Menezes: *O Exilado*.

O escritor brasileiro é exilado de seu povo. Aqui somos curiosidade, detalhe exótico, *avis rara*, nesta terra de pássaros sem plumas, de mãos que não conhecem a pena, de bocas que vivem de bico-de-pena calado.

Neste dia em que os jornais me aborreceram bastante, a única notícia boa veio pela voz de Amelinda, comentando sobre um iogue na Índia que, por andar nu, vivia sendo preso. Mas o interessante é que punham o homem na prisão e ele desaparecia dela, voltando às ruas misteriosamente, paredes e grades da cela intactas. Pegavam o homem de novo, jogavam lá dentro e eis que ele de repente estava flutuando à altura do teto para assombro e terror de seus carcereiros que, por fim, acabaram desistindo de prendê-lo. Esse homem não sentia frio ou calor e, liberto dos condicionamentos morais que nos oprimem, dispensava o uso de roupas, seu grande e único "crime", ao que se saiba.

O comentário de Amelinda lembrou-me um dos livros mais fantásticos que li, *Autobiografia de um Iogue*, de Paramahansa Iogananda, onde o caso se encontra registrado. A simples lembrança trouxe um momento de alívio, neste dia tão suavemente tristonho. Fico sempre me perguntando: o que fazem os iogues e os santos com seu lado sombra, com seu quatinho escuro? E se a escuridão existe apenas para servir de pano de fundo para a claridade intensa? Recordo de um poema que fiz: *Um quarto de Lua / Para Apolo, cansado de Sol / Ter uma vida que sonhava / A face oculta sob o lençol*. Nesse caso, o quarto escuro seria como um útero, um berço à espera da claridade andarilha, que viaja na velocidade da luz. Talvez, mais romanticamente, uma alcova, espaço-tempo amante à espera do ser amado.

Todos falam na luz. Mas, seguindo tal raciocínio, a renúncia da escuridão é um amor maior. Um amor que se entrega a ponto de consentir deixar de existir. A escuridão morre para permitir a luz. Será isso que acontece com os iogues e os santos? A prevalência total da claridade, a purificação? Fosse puro, totalmente puro, talvez me viesse inspiração para palavras sábias. Dessas que são repetidas por gerações e gerações, consolando o coração dos homens, quando chega o canto de um dia triste.

Miquéias Paz
(PC do B)



No país, de modo geral, a manutenção e a preservação dos espaços culturais são precárias. O Teatro Dulcina, que abriga a Faculdade Brasileira de Teatro, não foge à regra. Eu, que já atuei como professor de artes cênicas naquele espaço, acredito que sua revitalização é essencial para Brasília. Os artistas e os estudantes do setor não podem ser privados de locais para atuação e desenvolvimento da arte. Brasília precisa estar à frente no Brasil, mostrar que sabe valorizar sua história, seus espaços, suas conquistas. Revitalizar o Teatro Dulcina e a FBT é tarefa de todos nós.

Tadeu Filippelli
(PMDB)



Nesses 36 anos, Brasília já viu muitos espetáculos culturais. Entre os mais belos e concorridos estão os balés montados pela Academia Lúcia Toller, que já trouxe dezenas de grandes nomes da dança nacional e internacional, contribuindo enormemente no intercâmbio cultural entre o Distrito Federal, outros Estados brasileiros e alguns países. Lúcia sempre esteve envolvida no desenvolvimento social e cultural dos brasilienses, ensinando técnica, disciplina e linguagem corporal a milhares de bailarinos. Ela é um exemplo de incentivo à cultura no DF.

OUTRAS PALAVRAS



Oscar Brasileiro

Acaba de ser encaminhado ao Ministério da Cultura um importante projeto em prol do cinema nacional. Trata-se do Prêmio SET — Loteria Cultural, idealizado pelo poeta e agitador cultural carioca, Urhacy Faustino, que, há muito, tem-se preocupado com o estado de abulia em que vive a arte cinematográfica no Brasil.

Se aprovado, o projeto trará consideráveis benefícios para o setor, pois consta de sua pauta a produção de, no mínimo, 12 longas-metragens e 12 curtas, anualmente.

Lançamentos

Lançados recentemente em Brasília com o selo da André Quicé-Editor, duas obras importantes: *Dossiê Grupo dos Sete: Os Povos e Países de Língua Portuguesa*, de Alan Viggiano, e *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares. São publicações que têm lugar e valor, dada a singularidade e propósito dos autores.

Ao publicar o *Dossiê Grupo dos Sete...*, Alan Viggiano contribui para a valorização da nossa língua naquilo que ela tem de melhor, destacando aspectos intrínsecos de cada povo, nação, região, falares, preservando seus caracteres e peculiaridades. O autor colheu preciosas informações, checou dados, coligiu textos, artigos, referências, cartas e documentos.



O escritor brasiliense Roberto Miranda acaba de lançar mais um livro. Editado pela Thesaurus, a obra traz várias crônicas e contos do autor abrangendo um universo variado de personagens e situações.

Humor, euforia, ódio, reflexão, dor, saudade, ciúmes e mistério se alternam nos 17 contos e crônicas.

Com o objetivo de conscientizar alunos e professores sobre a importância e o funcionamento do Poder Legislativo, a Câmara Legislativa do Distrito Federal instituiu o programa "Cidadãos do Futuro", que abrangerá um universo de 4 mil estudantes de 1º grau das escolas públicas e particulares.

Todas as sextas-feiras, alunos e professores participarão de sessões simuladas no plenário da Câmara Legislativa para conhecerem na prática como funciona e qual a importância do Legislativo no cotidiano dos cidadãos. Durante as sessões, os alunos apresentarão propostas de leis e participarão de debates de interesse da comunidade.

Jorge Antunes

O maestro Jorge Antunes está concluindo seu novo livro, escrito em francês, por encomenda da editora parisiense Minerve. O livro, que se intitula *Vocabulaire des musiques latino-américaines*, inclui mais de 400 vocábulos e expressões específicas da música latino-americana. O trabalho conta com detalhados esclarecimentos técnicos e históricos para cada verbete, está ricamente ilustrado e terá um total de cerca de 300 páginas. O lançamento da obra está marcado para setembro deste ano em Paris.

Sr. Editor



Câmara Legislativa do Distrito Federal
SAIN Parque Rural
CEP: 70.086-900 - Brasília-DF

Destaque

Senhores Editores,
 Meus cumprimentos.

Acuso e muito agradeço a remessa de DF-LETRAS, Suplemento Cultural da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Agora com uma nova feição gráfica, excelente, DF-LETRAS é uma publicação literária que honra a cultura de Brasília.

Desejando continuar a receber DF-LETRAS, faço votos para que a revista mantenha o padrão que agora apresenta e se firme cada vez mais no cenário cultural do país.

Verissimo Melo - Natal/RN.

Cativante

Senhor Editor,

É com alegria que recebo o nº 21 a 22 do DF-LETRAS, em bela capa. Quero parabenizar e agradecer aos elaboradores de tão bela revista, essa presença cultural tão cativante.

O especial sobre o "Bumba-Meu-Boi" é nota 10 e nos dá idéia real de como estamos jogados às traças, em todos os segmentos da vida brasileira. "Os poderes dos poetas", de Aníbal Albuquerque, outra beleza entre tantas linhas.

DF-LETRAS, belíssimo trabalho. Gracias.

Mercedes Vasconcellos - SP

Rotary

Senhor Editor,

Gostaríamos de destacar o excelente trabalho realizado pela publicação DF-LETRAS, Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do DF, sob a responsabilidade de V.Exa.

Tendo a oportunidade de ler o DF-LETRAS 3, referente aos meses de novembro e dezembro de 95, fiquei sensibilizado com a reportagem "Bumba-Meu-Boi, a revolta dos humildes", que destaca o trabalho realizado pelo maranhense Teodoro Freire para preservar esta representativa face do folclore nacional aqui em Sobradinho e em todo DF.

Gostaria nesta oportunidade de tomar a liberdade de pleitear junto a V.Exa. a possibilidade de recebermos um exemplar sempre que este brilhante periódico for editado, para divulgação entre nossos associados.

Ataide Barretto, Sobradinho - DF

Pioneiro

Sr. Editor,

Li, com surpresa, a catilinária patética que, a meu respeito, o Sr. José Wamberto enviou ao Suplemento Cultural da Câmara Legislativa do DF (Ano II, números 17 a 20), destilando peçonha, plena de ódio, inverdades e distorções.

Sem ter sido o autor dos depoimentos contidos no livro do Sr. Tamanini e sendo deste a responsabilidade da publicação, o Sr. Wamberto, covardemente, aproveita-se do episódio, para, gratuitamente, me injuriar. Não sou responsável pelos conceitos emitidos pelo Sr. Tamanini.

Todos sabem que o Sr. Wamberto sempre foi inimigo tenaz de Juscelino e dos seus auxiliares diretos que ajudaram a construir Brasília. Nunca nos poupou.

Todos sabem que Wamberto foi nomeado conselheiro do Tribunal de Contas do DF, sem concurso, graças à sua subserviência ao regime ditatorial.

Foi um dos estimuladores das centenas de sindicâncias promovidas durante o Governo Jânio Quadros.

Quer ostentar, indevidamente, o galardão de pioneiro, mas não o é, pois chegou à Brasília depois de a cidade ter sido inaugurada, sem jamais ter contribuído para a sua construção: um aproveitador de obras feitas.

O Sr. Wamberto não mereceria resposta. Em atenção, porém, aos leitores e para restabelecer a verdade, peço vênha para rapidamente esclarecer o assunto.

O Sr. Wamberto, numa demonstração de degenerescência cerebral, discorre apenas sobre o que lhe convém e omite, em ambos os casos, o desfecho legal da história.

Aos interessados em apurar a verdade, sugiro que, no caso do Instituto Histórico, consultem o Tribunal de Contas do DF. Verificarão que, após a celeuma mantida pelo Sr. Wamberto e ante meus argumentos, o Tribunal aprovou a prestação de contas do Instituto, ficando provado que as acusações eram insubsistentes.

Quanto ao problema da Novacap, que consultem a ata da sessão de 30 de agosto de 1966 do Tribunal de Justiça do DF, quando este Tribunal, julgando o pleito, decidiu, por UNANIMIDADE DE VOTOS DOS DESEMBARGADORES, pelo arquivamento da denúncia por FALTA DE JUSTA CAUSA PARA O PROCESSO, comprovando-se definitivamente que as acusações eram absolutamente injustificadas.

Raciocinemos: se houvesse, por menor que fosse, durante minha vida pública, qualquer indício de conduta improba não teria eu recebido a GRÃ-CRUZ DA ORDEM DO MÉRITO BURITIL, condecoração somente conferida a ministros de Estado, embaixadores e altas personalidades nacionais e estrangeiras; não teria sido agraciado pelo Presidente François Mitterand com a LEGIÃO DE HONRA DA REPÚBLICA FRANCESA; não teria sido contemplado com a ORDEM DO MÉRITO do Exército, Marinha, Aeronáutica, Estado-Maior das Forças Armadas, do Itamarati, etc., etc., etc., nem teria ocupado os mais altos cargos de chefia nos diversos escalões do Governo Federal e do GDF.

Filho espúrio da ditadura, mente doentia, personalidade duvidosa, hoje marginalizado pela sociedade, o Sr. Wamberto exerce a ociosidade disseminando ódios, revolvendo feridas cicatrizadas. É digno de pena.

Resta-me, porém, como leitor assíduo de Anatole France, o consolo da reflexão filosófica do Abade Jérôme Colgnard sobre a punição que aflige os que escapam da mediocridade:

"Os medíocres são imediatamente alçados pelas mediocridades circunstantes, que neles se honram. A glória de um homem ordinário não ofende ninguém. Ela é antes uma secreta homenagem ao vulgar. Mas há no talento uma insolência que se expia por ódios surdos e calúnias profundas."

Ernesto Silva

Continuidade

Senhor Editor,

Mais uma vez sou credor da boa vontade e acolhida do DF-LETRAS, que tem nos prestigiado (e a outros também), franqueando esse importante espaço para debatermos a cultura no DF.

DF-LETRAS tem crescido em todos os níveis: gráfico, estético, diagramação, sele-

ção de matérias e autores. A continuidade desse Suplemento é algo alvissareiro, porque acende uma luz, considerando que o país carece de publicações de qualidade, como essa.

Assim é que nossos cumprimentos se dirigem a todos que arregaçam as mangas para fazer esse trabalho de primeiro nível.

Sucesso!

Grato.

Ronaldo Cagiano - DF

**Benício
Tavares
(PMDB)**



A crise de uma instituição como a Faculdade Dulcina expõe a deficiência da própria comunidade. Não se pode observar, inerte, a derrocada de uma entidade criada para forjar, ou ao menos contribuir, com a formação cultural e a definição de uma identidade para Brasília. A faculdade que, sob a administração de B. de Paiva, chegou a ter mais de mil alunos matriculados, deve ser compreendida como um patrimônio de toda a sociedade e receber o apoio de todos os segmentos. Estado e população não podem ficar de braços cruzados.

DF-Letras

*A revista
literária de Brasília*

Com mais de 5 mil assinantes em todo o País, o suplemento cultural da Câmara Legislativa do Distrito Federal torna-se, a cada edição, uma referência obrigatória para quem gosta e faz cultura.

**PEÇA O SEU
EXEMPLAR**

*Câmara Legislativa do DF
SAIN Parque Rural Norte
CEP 70086-900 - Brasília-DF*

VIDA

A vida é tempo que se faz parcela,
mas não revela previsões finais;
é consequência da união de seres
e dos prazeres entre desiguais.

A vida é sonho de sutis encantos,
razão de cantos e também de dor.
Divina herança das paixões ardentes
nas convergentes seduções do amor.

A vida é chama que ilumina a mente
na conseqüente formação de idéias.
Recorda um drama de imprevistos atos,
sem aparatos ou gentis platéias.

A vida é misto de sorriso e pranto,
dor, desencanto e fugaz engano;
é breve tempo de ilusões vulgares

onde pesares amortalham planos.
A vida é lago de serenas águas,
levando mágoas e também prazer;
é o resultado de uma ação discreta,
tendo por meta a formação do ser.

A vida é curto e sinuoso traço,
enchendo o espaço desde o berço à cruz;
é finalmente dádiva celeste
que se reveste de esperança e luz!

Hildemar de Araújo Costa - BA

Amar é...

Amor é sentimento sem razão.
Amor é liberdade, não é prisão.
Amor é ser, e não estar,
Amor não é querer, é só se dar.

Sentimento não se acha, se percebe.
Sentimento a gente tem, não se concede.
A razão sempre está onde nós estamos,
E é por isso que sempre a procuramos.

Liberdade somos nós, desde o início.
E é preciso tê-la sempre, tal qual um vício.

A prisão só degrada nossa alma pura,
E a luz varre de nós a noite escura.

Ser e estar são estados ou momentos,
Um maior, de alegria;
Outro menor, de sofrimento.
Querer pode nos destruir para sempre,
Dar significa mudar o tempo, eternamente.

Wellington Lavareda - DF

Riscos & Rabiscos

Rabiscos na parede...
Pichação?
Grafiteagem?
A sede
de educação,
falta de linguagem!

Falta de poesia...
Poesia concreta,
poesia práxis,
poesia processo,
poesia pornô...
Falta de amor!

Um risco
não é só um rabisco...
No mapa mundi
é o curso do rio
infestado do lixo
que faz o cio
da metamorfose
que por osmose
e por "over" dose
vai levando a estrada
ao encontro do nada...

Um rabisco na parede,
seu moço,
é a corda no pescoço,
é a falta do osso
que sustenta o corpo
com a estrutura
da cultura!

Risco na parede
é a sede,
é a falta de água...
Água, símbolo da vida!
Água escorrida é chuva,
e chuva desenhada
vira cabelo de nuvem,
arte da natureza!

Chuva é água penteada
pelo corisco!
Não é risco
nem rabisco
que polui a vista...
É energia,
luz da poesia
que banha o artista!

J.Simões - DF

Sedução pelo blue

Oh! Darling
Está rolando no ar
um blue
Somente agora eternamente
estes cristais
que se estilham
sem economia de sons
sensações e agonia
é o nosso blue
o nosso ponto secreto
de harmonia
Escuta, darling,
te entrega a este blue
ao blue da perdição.

Lúcia Nobre - RJ

(In Floresta dos Leões,
Urbanas Edições, 1993)

Cercas

“Good fences make
good neighbours”

No meu país, as cercas são visíveis
e inúteis. Na infância, rouba-se fruta do
quintal alheio, as goiabas do vizinho mais
gostosas. Após a colheita das chuvas põe-
se alguidar com mangas em cima dos
muros baixos dádiva à gula de quem
passar. Embrulhos de café e açúcar
vasilhas de ovos e azeitonas cruzam as
cercas pro formas em vaivéns fraternos.

Neste país de jardins abertos e altos
muros de reservas as cercas estão fincadas
no coração dos homens.

Astrid Cabral - DF

(In *Rês Desgarrada*, Ed. Thesaurus, 1994)

V A Z I O

O que fazer da tristeza funda após o sexo
que torna tudo, a vida toda em vazio, sem nexos?
O que fazer do próprio sexo quando jaz, saciado,
no silêncio do corpo em angústia transmutado?
O que fazer do que é vida e morte em sutil amplexo,
mas tem em si o dom do seu haver sempre renovado?

Valmir Aquino Ximenes - DF

(In *A Solidão da Carne*, André Quicé-Editor, 1995)

A B Ó B A D ã

Duas letras
A e B
O A é belinha, jeito de estrelinha
Formosa como o dizer.
O B é uma covina
Tirar o dizer da balsica
É o verbo ser do estar
Ou melhor
Não ser
Não estar
Não frequentar
Lazareu... nazarento
Fedeu.
Eu estou Nós seremos
Eu fui Vós sereis
Eu serei Eles serão.

Gilson Cardoso dos Santos - DF

H A I C A I S

A noite
Fecha com ferrolhos
O sorriso das janelas.

A mariposa
Conhece na chama
O preço da sedução.

O vento norte
Sopra a silenciosa morte
Das estrelas.

Trigo novo
Revela a arte
De tornar-se pão.

Márcia Ramos - RJ

(In *Antologia
Poética
Nacional,
Vol. XII,
João Scortecchi*)

D F - L E T R A S

A REVISTA LITERÁRIA DE BRASÍLIA



DE OLHO NA CULTURA

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
VICE-PRESIDÊNCIA
COORDENADORIA DE EDITORAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA